



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ISABEL CRISTINA FERREIRA MARTINS
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistada - Isabel Cristina Ferreira Martins

Entrevistadores – Tânia Fernandes (TF), Fábio de Souza (FS), Gleide Guimarães (GG), Michele Soares (MS) e Vagner Lyra (VL)

Data – 31/08/2004

Local – Rio de Janeiro

Duração – 3h02min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MARTINS, Isabel Cristina Ferreira. *Isabel Cristina Ferreira Martins. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 66p.

Data: 31/08/2004

Fita 1 - Lado A

TF – ...no dia 31 de agosto de 1904 [2004] para o projeto Memória das Comunidades de Manguinhos para a Fiocruz. Entrevistada por Tânia Fernandes, Fábio de Souza, Gleide Guimarães, Michele Soares e Vagner Lyra. Bem, Isabel, vamos começar aqui a nossa entrevista conversando sobre a sua história, sua história de vida, sua história nas comunidades... você já sabe como é que a gente tá trabalhando.

IM – Bom, a minha história de vida não começa aqui em Manguinhos, né, mas começa em outras favelas. É... a minha família, ela, como a maioria das famílias que mora em favela, migrante do estado de Minas Gerais, né, e são removidos ali da Praia do Pinto para a Nova Holanda, né, que hoje é o Complexo da Maré. Nova Holanda, Ramos, existe todo um... uma trajetória de favelas, de remoção do Rio de Janeiro. E depois de passar um período na FUNABEM minha mãe depois de ser removida pra o Engenho na Rainha, comprou uma casa na Mangueira e eu fiquei chateada, que era casa de pombo, e a possibilidade de ter uma casa melhor por um preço acessível, acaba me trazendo pra Manguinhos.

TF – O que é que é casa de pombos?

IM – Casas de pombos são aquelas casas pequenas de dois, três andares, com umas janelas mínimas que você mal coloca o rosto, né, mal definidas, só pra entrar um pouco de ventilação na casa porque em invasão, em geral você não faz um desenho, né, uma planta da construção como você faz janela onde há possibilidade de ter uma entrada de ar. E os becos em geral têm 90 centímetros de largura. E você construir uma parede você vai ter que fazer pelo menos uma janela de 50 centímetros, só pra ter a ventilação. E era assim a casa. Eu achei estranhíssimo quando eu desci no ponto de ônibus, que eu vi aquele monte de casa trepada em cima da outra e aquele monte de janelinhas. Eu falei: “Eu não vou morar aqui, eu não sou cabrito!”

TF – Você tinha quantos anos?

IM – Eu tinha 14 anos. Porque a FUNABEM tem uma coisa engraçada, né, a gente acaba ficando meio que mal acostumado, porque lá tinha tudo que não tinha na minha casa com exceção da minha família. Lá tinha uma boa comida, entre aspas, né? Pra quem não tinha nenhuma, lá tinha uma boa comida. Eu tinha mais colegas, éramos 355 meninas, tinha cama pra dormir, tinha roupa de cama e tinha...

FS – Isso na FUNABEM de Quintino?

IM – Não, eu fiquei na escola, eu fiquei na escola da FUNABEM onde você tem referência. A FUNABEM, ela trabalha com dois grupos: com grupos de referência e grupos sem referência. Quando você tem referência você fica nos internatos, que geralmente ficam nas

áreas altas, naquela época: Campo Grande, Jacarepaguá. Eu fiquei no Instituto São Pedro em Jacarepaguá, depois eu fui pra o Instituto Brasileiro de Educação quando eu podia já me cuidar. E tem as triagens que são os colégios de adaptação que em geral ficam em áreas mais nobres, que na época era o Instituto Felipe Camarão, também em Jacarepaguá na Estrada dos Bandeirantes. E aí, naquela época, você ficava até os 14 anos. Eu tive a felicidade de sair um mês antes do decreto de que você teria de ficar até os 18 anos, senão eu ficaria até os 18. Com certeza eu fugiria. Eu passei de 6 aos 14 anos marcando na beira da cama com um grampo quantos dias faltavam pra eu fazer 14 anos e planejando como eu fugiria. Só que na FUNABEM tem uma campainha, um alarme. Quando você chega perto do portão o alarme dispara. E eu passei até os 14 anos perguntando por que é que eu estava presa. E isso...

TF – Por que é que você estava presa?

IM – Eu estava presa porque a minha mãe era prostituta. E a... minha mãe se apaixonou por um cara, ele foi preso e a Justiça entendeu que ela não tinha condições de cuidar da gente. E aí ela, nós três, os três mais novos, que não podiam trabalhar e se sustentar, foram pra a FUNABEM. No caso eu, o meu irmão e minha irmã. Bom, o meu irmão virou traficante e morreu, a minha irmã virou... .. dependente química, lésbica, bissexual, sei lá o que é que ela pode ser. E eu acabei entendendo, eu tinha uma colega no colégio interno que ela era inspetora e ela gostava de mim. Então eu ficava muito tempo perto dela e ela gostava de ler e aí eu ficava... eu passei o tempo pra não... – eu acho que pra me proteger daquilo, eu não tinha essa consciência – lendo histórias infantis: Rapunzel, Os três Porquinhos, A Gata Borralheira... e tive a infelicidade de acreditar em príncipe encantado. Que aí eu cresci aprendendo que eu ia sair dali, que eu iria estudar e ficar rica, ter casa de parede e conhecer um lindo príncipe encantado, casar e ter uma família. Era esse o meu sonho. E eu achava que eu tinha que estudar pra educar os meus filhos e ficar rica também. E quando eu saí com 14 anos da... tem... quando eu saí da FUNABEM com 14 anos que eu vi que a minha mãe não tinha mais nem o apartamento que a gente morava antes, que era a remoção da COHAB¹, e que ela ainda estava pior do que antes, que agora nessa época ela já... ela já bebia, né, a casa já era pior, era o segundo andar de madeira, aí eu fiquei procurando a reestruturação das coisas. Eu acabei indo trabalhar, terminei o 2º Grau, fui morar em outras coisas, fui fazer teatro, fui fazer parte de núcleo de discussão política, enfim, fui fazer o que todo adolescente faz: buscar minha vida.

TF – Mas sozinha ou...?

IM – Sozinha, sempre sozinha. Sempre sozinha, eu não...

TF – Mas aí você morava onde?

IM – Isso minha mãe continuou morando na Mangueira, eu morava onde dava, eu não queria ficar na casa de pombo.

¹ Companhia de Habitação.

TF – O que é morar onde dava?

IM – É, porque eu ficava um tempo em Copacabana, uma época em Vila Kennedy...

TF – Na casa de amigos, é isso?

IM – ...na casa de pessoas amigas, o grupo do teatro, tios... Morei um tempo com a minha avó. Com 15 anos o meu pai me levou, é, com 15 anos o meu pai me levou pra casa da minha tia porque eu tinha que, eu queria estudar. E pra eu estudar precisava me alimentar, isso eu tinha definido claro. Porque na FUNABEM tinha comida, tinha quatro refeições por dia. Aliás brasileiro tem isso, né? Na Europa eu passei fome, é uma refeição por dia. Brasileiro faz quatro. Tem que ter quatro. Na casa da minha avó tinha quatro refeições por dia, na casa da minha tia também e eu tinha uniforme, tinha uma cama quente pra dormir e... podia estudar, que era a única coisa que me alimentava: estudar. E pra isso eu faria qualquer sacrifício, até o de morar na casa dos parentes do meu pai que entendiam que por a minha mãe ser prostituta e eu ter uma característica de gostar de samba, de ir dançar e de teatro, que “filho de peixe, peixinho é”. Que eu ia me tornar prostituta também. Na verdade, eu acho que pobre não sabe expressar carinho e acaba entendendo que a única forma de carinho é a sexual. Eu acho que é isso que faz com que as meninas engravidem, que faz com que a gente tenha um montão de filhos, pela desinformação e a carência, né, afetiva e entender que a forma de carinho entre duas pessoas é a sexual. Eu acho que a minha mãe passou por isso. Por isso que ela era chamada de prostituta. Na verdade, ela tinha muito era namorados. Ela tinha vários namorados. E eu também gosto muito de namorar, então... acho que temos coisas em comum. E a... na casa da minha avó, eles eram evangélicos, começaram a pressionar muito, eu entendi que eu podia estudar, que eu podia namorar e que podia bancar a minha história sem ter que ser tão humilhada. Aí fui embora de lá, quando eu saí de lá eu já estava fazendo, eu já ia começar a fazer o 2º Grau. Eu tinha um problema com favela terrível, eu odiava favela, eu achava favela o pior lugar pra se morar, eu não conseguia entender por que é que a polícia entrava na casa da gente, amarrava os meus irmãos, eu não conseguia entender por que é que todo dia, quando o dia amanhecia, as pessoas eram tiradas da cama e presas por vadiagem! Isso eu não conseguia entender. Por que todos eram negros, por que é que a gente não podia usar o pente pra pentear o cabelo *black power*, que era considerado uma arma... eu não conseguia entender por que é que quando eu estava em Ipanema, Copacabana, a gente fumava um baseado e estava tudo bem, eu não conseguia entender por que é que na favela se a gente fumasse um baseado a gente ia preso e apanhava, eu não conseguia entender essas coisas. E eu estive assim a um passo do tráfico. O meu irmão virou traficante, eu voltei pra casa, eu estudava, mas eu ficava o tempo todo com os traficantes. Eu ia pra o alto da favela, eu aprendi a atirar. Eu dava rota de fuga pra o meu irmão, porque ele era a pessoa mais importante pra mim... Meu príncipe encantado era um cara que usava uma mochila com um 38, que era a arma do momento, a sensação, e ele me ensinava a atirar. E eu achava que era isso mesmo, que a gente tinha que acabar com a discriminação, por que é que a gente não podia ir pra Zona Sul, por que é que a polícia entrava na casa da gente... Aí eu comecei a perceber que eles ganhavam porrada, iam presos e eu ia pra delegacia tirar o meu irmão e tinha que dar confiança pra o detetive, eu odiava a polícia... Aí eu falei: “Cara, eu vou é estudar pra sair fora dessa porra porque... vou terminar o meu 2º Grau e vou sumir daqui.” Nesse ínterim eu

sempre trabalhei e trabalhei muito em fábricas, fiz shows na noite... cheguei a fazer teatro profissional e o tempo tá passando. Com 18 anos eu terminei o 2º Grau, aí me dediquei mais profundamente ao movimento social... Em 1986... entre 84 e 86 eu fui pré-candidata, cheguei de tanto ficar brigando por aí politicamente misturada nos grupos de discussão, eu fui filiada ao Partido Comunista Brasileiro, né, pelo grupo, pela base artista com o Luis Mendonça... aí comecei a fazer teatro profissional e fui candidata, pré-candidata à deputada estadual pelo Partido Comunista Brasileiro. Só que mais uma vez o valor de uso: eles queriam que eu defendesse a não mortandade dos peixes da Lagoa Rodrigo de Freitas. Eu achei aquilo um absurdo, a Ladeira da Kibon lá na Mangueira estava descendo lixo, eu via crianças durante o meu trabalho com a vagina correndo pus, eu via pessoas morrendo de tuberculose e passando fome, eu ia defender os peixinhos?! Eu quero que os peixinhos se fodam! Queria que eles morressem tudo, foi essa, eram essas as minhas palavras. Dei um chute no Partido Comunista, naquela burguesia toda, entendi qual era o meu papel na favela, voltei pra favela e fiquei mais firme. Aí eu entendi: “Eu não consigo sair daqui, então eu vou tentar mudar essa realidade.” E aí fiquei mais fechada com a questão social. Aí terminei meu 2º Grau fazendo esporte, fazendo... sempre estive metida em tudo: esporte, vôlei, futebol, teatro... Eu acho que a coisa, na verdade eu acho que o jovem favelado é igual a qualquer outro jovem, dependem das oportunidades. No meio de tudo isso, do tráfico, do meu irmão traficante, da minha fantasia com o príncipe encantado, tinha uma coisa em mim que era muito forte: eu queria ser livre e eu faria qualquer coisa pra ser livre. E eu achava que aquelas ações da polícia, aquele uso da burguesia com os iludidos das favelas, os jovens, me fazia muito mal, eu precisava me libertar daquilo tudo. E eu entendi que era o conhecimento que ia me dar essa liberdade. E eu tive alguns privilégios na minha vida, nessas andanças, que eu ia à casa da dra. Seres. Que a minha tia era empregada doméstica e lá reuniam toda a cúpula da política de esquerda. Eu cresci ouvindo as conversas do Niemeyer... do Darcy Ribeiro, essa galera toda. Então aquilo ficava na minha cabeça. E depois eu ia pra casa e eu via aquela realidade. E isso sempre ficou indo e vindo na minha cabeça. E eu sabia todos os ministros, todos os políticos, e estava tudo ruim... até que eu tive que casar. Com 26 anos eu queria ser mãe e não tinha a coragem de ter filho sem casar. Eu queria negar tudo que eu tinha vivido, né, mãe solteira... eu via o síndico do prédio maltratar a minha mãe porque ela não tinha marido... Na favela existe uma crueldade muito grande. Se você é mulher, não tem marido e tem filhos, você tem que ter uma postura de super macho. Porque se você não tiver uma postura de super macho, ninguém te respeita, nem as próprias mulheres. As mulheres te descriminam porque você é uma pessoa exposta que pode tomar os maridos delas e os homens querem te cuidar, te cuidar “penalmente”, né? Contanto que você pague suas contas e não dê trabalho, mas que esteja com uma carência em que eles possam superar a sua macheza, a sua cultura de posse... então eu aprendi a ficar muito dura com isso, eu sou muito dura. Eu às vezes até tento ser um pouco mais mulher, né, um pouquinho mais submissa ou um pouquinho mais delicada, como eles chamam. Mas eu não consigo, já tá nas minhas entranhas essa coisa de me proteger. E aí com essa história toda o casamento não deu certo, o marido também dependente químico, eu também acabei ficando dependente química, acabei no meio dessas andanças usando drogas porque dava uma certa adrenalina, né, fazia você levantar e era esse o entendimento que eu tinha. E o grupo também, a gente é muito influenciada pelo grupo. Lá em Ipanema era legal, ninguém pegava, ninguém matava, então... e eu andava muito com eles. Aí eu resolvi acabar com o casamento porque eu estava já com um bebê e começar minha vida de

novo, é aí que eu chego em Mangueiras. Eu juntar dinheiro, eu sempre gostei de guardar dinheiro pra melhorar minha vida, juntei um dinheiro, comprei uma casa na última rua do Conjunto Nelson Mandela no dia 25 de julho de 1993.

TF – “Comprei uma casa”? Quem vendia casa?

IM – As pessoas que... em geral, as pessoas que são removidas pra COHAB, elas... o governo do Estado e a Prefeitura, eles cometem uma falha muito grave. Elas constroem os conjuntos habitacionais, removem as pessoas dizendo que vão mudar a qualidade de vida das pessoas e essas pessoas criam dívidas, impostos, têm que pagar luz, água, têm a taxa da RIOURB... E quando eu cheguei aqui ‘tava assim. E é o processo que a minha mãe viveu também. E aí as pessoas ficam desesperadas porque têm medo de ficar sem as casas se não conseguirem pagar essas contas, porque é esse o discurso, o que é que elas fazem? Elas vendem essas casas e vão pra uma outra área invadida, viver daquele jeito que é possível, no subemprego, sem dívidas, com a casa insalubre, mas com a certeza de que vai ter um lugar pra ir todo dia: a sua casa. Porque a sensação que você tem quando você vai morar na casa da COHAB é que a casa não é sua, né? Você tem um montão de contas pra pagar e tem, lá no contrato você já leu, né? Se não pagar em tantos prazos você sai do imóvel, é retirado. E a minha mãe saiu da COHAB assim. A minha mãe foi morar na Mangueira num processo desse. Isso é um processo normal. Mas o moço que me vendeu a casa, ele tinha três casas seguidas. Ele me vendeu duas, na época por 100 mil. 100 mil hoje equivale a 10 mil reais. Mais ou menos isso. Eu comprei duas porque eu tinha condições, uma casa na Mangueira é muito valorizada. Na Mangueira eu vendi uma casa pequena por... – eu não me lembro por quanto, mas eu sei que era...

TF – Então você tinha uma casa na Mangueira que era aquela da sua mãe. É isso?

IM – Não, não, não! Eu sempre trabalhei fazendo show, fazendo as coisas...

TF – Comprou a casa na Mangueira.

IM – Sim, eu comecei a juntar dinheiro pra comprar a minha casa aos 14 anos.

TF – Então tá. Você comprou a casa na Mangueira, depois é que você veio pra Mangueiras.

IM – Isso. Vim pra Mangueiras...

TF – Porque você veio pra Mangueiras?

IM – Porque eu me separei do meu marido, ele era dependente químico e eu precisava começar a minha vida de novo... e eu passava e via aquelas casas branquinhas, bonitinhas, que me lembravam o começo. Um começo num lugar melhor que a Mangueira. Um começo onde as pessoas não me conhecessem, não soubessem que eu havia tido envolvimento com a droga, com o tráfico até... porque, direta ou indiretamente, eu tinha um envolvimento pela minha linha de pesquisa, né? Num lugar onde as pessoas não soubessem do histórico da minha mãe, num lugar onde as pessoas não me discriminassem pelo meu

sobrenome ou pela história da minha família. Bobinha eu, fui morar no Nelson Mandela. Área do Comando Vermelho. O chefão da Mangueira era parceiro do chefão do Nelson Mandela. E eu não sabia o que era morar sozinha numa favela. Porque lá na Mangueira o meu nome era Ferreira, eu era irmã do Paulinho do Comando Vermelho, eu era cunhada do Carlinhos Mineiro, eu era irmã do Ney Boxeador, eu era passista da Mangueira... enfim, eu era Isabel. Lá no Mandela eu era uma mulher gostosa que morava na última rua, sozinha, e que tinha um filho loirinho, que parecia que era universitária, que só vivia com os livros grossos na mão. Eu já estava fazendo Geologia na UFRJ... os bandidos começaram a guardar carro roubado no meu quintal, que eu comprei duas casas, o conjunto era novo, né, não era murado, eu tive que me virar pra fazer o muro... e aí começa a minha história. Porque o chefão da Mangueira sempre quis me comer e eu não sabia. Ele passou a me perseguir, ir pra minha casa, eu tive que levantar um muro, tinha um colega na faculdade que me paquerava e eu adorava dormir com ele. Ele começou a vir pra minha casa, a gente estava pensando em morar junto. Esse bandido dizia: “Se você não ‘vir’ dormir comigo eu vou buscar ele.” E eu tinha que ir sempre. Foram, foi do carnaval... foi de 94 a 95. No dia 26 de outubro de 95 esse cara morreu. Ele era meu colega de infância da Mangueira, ele sabia todos os meus sobrenomes. Mas ele sabia que eu estava no Mandela. Foi muito difícil pra mim. Na faculdade eu... na favela tinha todo esse processo e na faculdade eu via as pessoas falando: “Quê! Esses bandidos tinham que ter pena de morte!” Falando mal de bandido, falando que favelado e tudo cumplicidade com ladrão, com bandido, não, sei quê... porque roubavam muito carro no pátio da UFRJ e eu era negra e tinha, acho, que um negro com a pele mais clara que a minha na sala, e um dia encheu meu saco, eu levantei e falei: “Olha, eu moro ali em Benfica numa COHAB que é favela. Eu não vejo isso que vocês estão falando!” E comecei a discutir na sala. Aí o professor de Geografia Humana do Brasil, Marcelo José Lopes, me convidou pra fazer pesquisa com ele pra eu provar que não havia convivência na favela com o tráfico de drogas, em especial das associações de moradores. Eu conhecia a Mangueira, eu tinha orgulho, eu chegava na praia eu tinha orgulho de dizer que morava na Mangueira. Eu chegava em qualquer festa, em qualquer lugar, em elite social, e dizia: “Eu moro na Mangueira, eu sou mangueirense, eu sou flamenguista.” Aí eu comecei a ter problemas pra dizer onde eu morava. Eu comecei a pagar o peso. E ao mesmo tempo eu comecei a perceber que não tinha identidade com esse lugar. Eu pensei: “Eu tenho que ter identidade com esse lugar senão eu vou morrer.” Os olhos param de brilhar, você não se sente mais à vontade, você vai se isolando. E a universidade faz isso com a gente, a gente fica com uma prepotência, né? “Ah, universitária, UFRJ... Geologia, um curso difícil!” A única na família que chega a uma academia, todo mundo começa a te endeusar e o tapete vermelho, ele te faz tropeçar se você não tiver cuidado. E eu comecei a ficar muito solitária, muito solitária, muito. Acho que aí que chegam as drogas. Muito solitária. E pra agüentar aquele cara eu tinha que usar droga porque era muito difícil. Porque fumar maconha pra mim não é droga. Fumava maconha pra rir, pra dançar, a libido sobe, pra namorar... Agora, droga mais pesada como a cocaína, ela surge mesmo numa situação de depressão. E Morar em Manguinhos, Manguinhos não tinha nada a ver com a Mangueira! Do outro lado aquela lixarada, aquela barracada, aquele caminho do cano ali... um montão de barraco, aquelas pessoas raquíticas, todo mundo usando droga, famílias inteiras... eu nunca tinha visto isso na Mangueira! Mãe, pai, filho, irmão, avô, avó, todo mundo usando drogas! No pedaço em que moro é o pedaço mais cruel, tem famílias inteiras que roubam juntos, usam drogas juntos... Tudo que é errado é certo, eu pensei. “Tô no

inferno, o que é que eu vou fazer aqui?! Eu saí da Mangueira pra educar meu filho longe das drogas, pensei que aqui era um lugar legal e caí no inferno. Tenho que mudar isso.” Aí comecei a me envolver quando teve a primeira reunião pra criação da associação de Moradores do Nelson Mandela e Samora, Cláudio e Companhia Limitada. Aí eu percebi que a forma de luta da Mangueira não era a forma de luta de Manguinhos. Eles queriam fundar um Grêmio recreativo pra ganhar dinheiro. E a universidade queria que exterminassem todos os favelados e eu disse que a favela não era assim. O que é que eu faço?! Vou trabalhar junto com esse pessoal, tentar transferir o meu conhecimento, discutir com eles, porque a força está na gente estar junto, o que eu pensava. Enquanto isso, na universidade, eu vou provar que a gente não é assim porque eu conto com a cumplicidade dos meus colegas da faculdade pra gente trabalhar na favela. Hum... .. No meio tempo que eu tô trabalhando com o professor Marcelo José de Souza Lopes, né, essa pesquisa era é...: Os Impactos... Re-ordenadores... – Não! – Ordem e desordem e os impactos re-ordenadores do tráfico de drogas junto às associações de moradores em favelas no Rio de Janeiro. Eu visitei 78 favelas do Rio de Janeiro, as 78 favelas todas tinham envolvimento com o tráfico. Todas as associações de moradores...

TF – (Inaudível)

IM - ...e eu não conhecia a favela. Eu descobri que eu vivi a minha vidainteira, eu saí da perereca da minha mãe dentro da favela e não conhecia a favela. Mais cruel ainda: eu não conhecia o Estado brasileiro. Porque era o Estado brasileiro que permitiu isso. Porque na década de 70 todas as pessoas sonhadoras que formaram as suas associações de moradores pra reivindicar o direito do morador da favela foram cooptadas pelo Estado, ganharam cargos públicos e por que todas essas pessoas ganharam cargos públicos e perderam seus tempos pra estarem brigando, lutando pelo um ideal melhor dentro da favela, só tinha essa forma de pagamento. Por que é que em outros estados, em outras cidades, existem os prefeitinhos, criam as subprefeituras e vão às associações de moradores buscar voto, buscar cabos-eleitorais, mas não fortalecem as associações de moradores pra que elas sejam independentes e não tenham que ficar expostas ao tráfico? E qual é a relação da associação com o tráfico? Eu não perdi a minha guerra lá na universidade não, ainda continuo lutando. O representante da associação de moradores tem que ter um vínculo ideológico com a comunidade, mas ele tem família pra sustentar, ele mora dentro da favela e o tráfico tem fuzil e a polícia também! Então quem é que vai dizer pra o traficante que não pode ser assim?! O traficante quer fazer festa, o Batalhão e a Região Administrativa só reconhece o pedido da associação de moradores. O cara vai lá com o fuzil: “Vai lá buscar.” Ele vai dizer que não?! Ele vai. O candidato em época de eleição vem pedir voto e promete um salário pra ele, ele quer se dedicar ao trabalho da associação, aceita o salário, que é o que a gente vê, em Manguinhos isso é verídico. A maioria da liderança comunitária tem cargo efetivo, ganha R\$ 300,00 por mês durante todo o processo não-eleitoral, durante o processo eleitoral eles ganham mais R\$ 250,00 pra permitir que os candidatos circulem dentro da comunidade e eles pegarem o carro de som e falarem em nome desses porcos candidatos. Que não são pessoas que possam nos representar, eles não são de verdade nada de representativo. E aí fica muito fácil na universidade, as pessoas que têm seus carros roubados, que moram lá nos seus prédios, acusarem o presidente da associação. (*risos*) E fica muito fácil pra nós, moradores de favelas, dizer: “Esse cara não faz porra nenhuma.

Esse cara não faz nada.” O que eu entendi, depois de todos esses anos, desde a década de 70 e depois de ter sido pré-candidata à deputada estadual, depois de ter sido da direção da associação de moradores da Mangueira, depois de ter visitado 78 favelas e estar morando agora em Manguinhos, fazendo parte de um movimento mais forte, ter sido inserida nesse processo desde 1993 quando o pessoal começou a se reunir, é que eu fui burlando os meus preconceitos. Porque eu também tenho os meus preconceitos com a favela. Ninguém tá isento. Eu queria que alguém me dissesse qual é a pessoa que fala de dentro de Manguinhos que quer nascer, crescer, envelhecer e morrer ali dentro. Ou as pessoas... que é diferente da Mangueira. Que é diferente da Portela da Serrinha. Que é diferente do pessoal da Providência, da Rocinha...

TF – É então trabalha um pouco mais essa diferença, (Inaudível) uma história... Essa história da ocupação tem a ver com...

IM – Tem a ver com a história da ocupação... direcionada e escolhida. Quando você invade a Mangueira, você vem e procura um canto pra você morar, quando você vai pra Rocinha, você vem e procura um canto pra morar e vai ser assim toda a vida. Vai ter dificuldades, mas você vai criando um envolvimento, uma identidade, uma cultura. Quando decidem que esse pedaço foi valorizado, não tem condições pra você morar, e pegam um caminhão e fazem a tua mudança e te botam num outro lugar, aí vem outra pessoa de outro lugar, quando você acorda de manhã e abre a porta, não vê o seu vizinho, não vê as coisas que você costumava ver, né, o seu Manuel lá da padaria e a dona Maria do mercado, isso te dá uma certa tristeza, né, isso leva, tem um processo. Já existe até estudo antropológico, eu acho, nessa área. Do período que as COHABs levam pra se estagnar e o processo que o morador tem pra de identidade, pra ele revitalizar aquela área e vir todo um processo de discussão luta política de revitalização e de identidade com o local e com os próximos. Isso pra mim foi um estudo antropológico de primeira aqui na região de Manguinhos.

TF – Por que é que isso não acontece em Manguinhos e acontece em Mangueira e acontece na Portela?

IM – A identidade como local... a identidade. O que é que é a identidade? Por exemplo: na Mangueira as pessoas acostumavam acordar aos sábados de manhã pra desentupir esgoto. Independente da associação de moradores. A associação de moradores, ela cria, ela é criada, ela surge pra oficializar. Porque tinha o manobreiro da água, né, tinha a comissão de luz e tinha que ter alguém pra coordenar isso e geralmente era uma comissão, um grupo de pessoas. Depois vem o surgimento da associação, eu não me lembro bem a época, mas na década de 70. – É, na década de 70, né? – É, vem, isso, década de 70. É, 78, 79, quando o pessoal forma a associação dos moradores. Isso vem toda uma oficialidade. Ao mesmo tempo, as remoções, elas começam mais ou menos no início da década de 70, quando vem a Zona Oeste, que eu não lembro bem. Porque eu nasci em 61, não sou tão antiga assim. E aí vem toda essa remoção pra Zona Oeste. A Zona Oeste inicialmente – eu não sei dizer bem, mas eu lendo o material de alguns pesquisadores – ela também viveu esse processo. Manguinhos tem o Amorim primeiro, vem o Amorim. O Amorim surge de funcionários, funcionários que vêm pra construção aqui do Parque Oswaldo Cruz, da Fundação Oswaldo Cruz. Aí surge a comunidade do Amorim que é o Parque Oswaldo Cruz. Se você pegar o

peçoal da comunidade do Amorim e Varginha pra conversar com o peçoal do Samora e Nelson Mandela, você vai entender o que é que eu tô falando de identidade. O peçoal do Amorim não aceita... Gleide deve ter percebido isso, que o tráfico dite as normas lá. O peçoal do Samora e do Mandela tá cagando e andando se o tráfico dita ou não dita. É só uma passagem, eles não têm a idéia de ficar ali. E se fica é da forma mais calada possível, esperando uma oportunidade de sair ou então esperando a maré baixar, né?

GG – Dentro desse comentário que a Isabel tá fazendo, fica muito claro e eu entendo bastante o que ela está dizendo, fica muito claro porque é que alguns moradores permaneceram no Conjunto Nelson Mandela. Acho que foi feito um estudo, quando da implantação do Conjunto Nelson Mandela, e esse estudo, o critério de implantação foi o critério de vizinhança. Nós tivemos a oportunidade de escolhermos os vizinhos todos dessa rua, as casas foram sorteadas pra que todos dessa rua ficassem também nessa rua. E hoje eu consigo perceber muitos dos meus vizinhos de Manguinhos ainda no mesmo lugar. Inclusive eu morei 7 anos com a família do seu Zé, que era parente meu, e ele continua na mesma casa. E, ao mesmo tempo, as outras comunidades que compuseram tanto o Nelson Mandela quanto o Samora Machel, eu não acredito que tenham passado pelo mesmo processo. E aí a gente vê exatamente isso e tem isso muito forte mesmo. Manguinhos, ele foi um quebra-cabeça que foi montado e desmontado várias vezes e continua sendo, e as pessoas têm isso sim. Essa coisa de dizer assim: “Quando eu melhorar de vida eu vou pra outro lugar. Eu não enterrei o meu umbigo aqui, não vou ficar aqui minha vida toda.” A gente não viu isso no Amorim nem no Carlos Chagas e pouco... não entramos ainda no CHP-2, mas a gente vai encontrar isso na Vila Turismo, tem uma outra forma de ocupação, e bem pouquinho no CHP-2 porque o CHP-2 já é uma peça desse quebra-cabeça. Realmente, o peçoal não tem essa identificação. É... é um momento e tem muito medo também disso que você relatou logo no princípio. No Nelson Mandela a gente conseguiu entender melhor e ter menos esse medo de tomarem a casa da gente, porque ficou claro que foi verba a fundo-perdido, a gente não ia perder a casa se não pagasse, tá? A questão da luz e da água não conseguimos amadurecer o suficiente pra pagar esse imposto. Nem amadurecer e nem ter condição mesmo! Né? até porque a Light vive mudando os critérios dela a cada mês. Há dois meses eu não recebo conta de luz e não sei quando é que ela vem e quanto, que valor terá.

IM – Eles desistiram.

GG – *(risos)* Pode ser. Então, mas a gente vê isso muito forte sim. Eu fui... *(interrupção da fita)*.

Fita 1 - Lado B

TF – É... você estava falando, Gleide, a fita acabou... Tenta concluir esse seu raciocínio, por favor.

GG – É, a gente percebe que esse processo em que não nos permitem criar identificação, tira a gente do nosso lugar, transfere pra outro lugar e a gente não consegue se sentir identificado com o lugar e tem a – com diz a Isabel aí – a obrigação aí de pagar os impostos que antes a gente não tinha nem renda e nem cultura para tal, isso faz com que as pessoas que não conseguem dar esse salto, elas vêm pra o conjunto, pra a COHAB e vendem, voltam, e muitas das vezes para lugares piores. Então eu conheço famílias que já passaram aí por três, quatro conjuntos e estão sempre voltando pra uma favela pior, de preferência uma que também vá sair. Porque tem sempre também o outro lado: a vontade de querer ter um lugar melhor, de ter uma casa melhor. Mas quando chega nessa casa não consegue se identificar e aí faz essa volta.

IM – É, Gleide, é esse um lado assim que a gente vê de uma forma da busca da identidade, né? Por um outro lado, da década de 90 pra cá, tem um processo mesmo que surge com... tem o Movimento dos Sem-terra, surge o Movimento dos Sem-teto na Zona Oeste, e surge o... esse movimento do pessoal que vive invadindo área, construindo favelas, que criam suas rendas, né? Eu fiquei muito revoltada, muito revoltada com o meu romantismo quando eu percebi que aqui em Manguinhos também tem essa característica.

GG - Os grileiros?

IM – É. Tem essa, os ‘gateiros’, grileiros, os ‘vagabundeiros’, todos os ‘eiros’ que em geral é liderado por alguém de dentro de algumas associações de moradores, que têm por especialidade invadir áreas pra poder criar favelas, pra poder criar todo um processo de remoção que na verdade não é remoção, de indenização. O Mandela de Pedra é o maior exemplo que a gente tem disso.

TF – O que é processo de indenização? Vamos lá, explica isso.

IM – Ah, porque quando você invade uma área todo mundo sabe que se a Prefeitura não tirar você antes dos 365 dias mais 1, a prefeitura só pode te tirar em remoção ou indenização. Então é um ano de luta, de resistência... Eu participei de algumas reuniões quando o Jorge Garcia e o Valério organizaram a invasão do Mandela de Pedra, eu tive a oportunidade de fazer algumas fotografias, de estar junto e de ter o número de famílias iniciais de invasão... e aí eu comecei a perceber: tem um grupo interessante que não tem onde morar, que quer ter um pedaço de terra, um teto pra dormir e tem um grupo que quer ganhar grana sim! Que pega esse grupo que quer ter onde morar e mobiliza essa gente, é essa gente que vai pra frente, que leva porrada, que briga com a polícia, que tem a resistência, até completar um ano. Quando passa esse um ano, num outro dia consagrado isso – e isso tudo tem que ter ata de reuniões pra eles terem documentação – começa o processo de discussão com os candidatos, vereadores, prefeitos... a negociação da área, né? A Márcia Garrido, ela é hoje na Prefeitura, ela já percebe isso, a gente andou até conversando com esse povo da Secretaria de Habitação e eles também têm essa consciência. Essa região aqui do Jacaré tem muitas fábricas abandonadas, invadidas, e tem um grupo que sempre se infiltra. No Mandela de Pedra – pasmem – tem aluguel... No Mandela de Pedra a maioria das pessoas que moram ali na frente ou eram do Samora Machel, do Nelson Mandela ou são pessoas que estão lá porque não têm onde morar, morando pra

alguém que está esperando sair a indenização. Mais ainda, pra... a Saúde da Família cadastrou 980 famílias no Mandela de Pedra, são essas 980 famílias que vão ter direito à indenização. Aí tem toda uma... bom, vai sair daqui, não vai sair daqui... o presidente da associação tá cobrando 25% pra inserir o nome porque tá pra sair a indenização de 10.000 em 2002 com a obra do Favela-bairro, porque o Mandela de Pedra não tem condição de continuar ali, é remoção. Remoção ele não quer. Fechou com a comunidade: só indenização. Porque a indenização é de 10.000, cada 10.000 ele tem direito a 2.000. Aí é complicado, eu vou ficando. Nessa história minha romântica, de ter desistido de ser candidata porque eu não queria defender o peixinho... porque queria defender a recuperação da Ladeira da Kibon... Na enchente de 88 ficou muito marcado aquele montão de casa caindo nessa área aqui do Jacaré, ela fazia um fundo de vale... e de vale enchia, né, teve muita queda ali, eu passar e ver como aquela fotografia na minha rua daquela casa, aquela menina alcoólica com aquelas crianças raquíticas, passar pelo Mandela de Pedra – se vocês quiserem ver a foto de uma creche onde no meio da creche era uma fossa enorme, a merda fervendo e as pessoas pra irem trabalhar terem de deixar as crianças ali... no covil da doença, tendo isso como a única solução pra conseguir pelo menos ganhar uma diária de faxina e perceber que alguns líderes comunitários que têm acesso ao meio político, que usam idiotas como a gente que vai pra universidade, que mora na favela e acredita na filosofia do Comando Vermelho que conviveu com os presos políticos, que a gente tinha que estudar pra mudar essa realidade e que eles querem mudar a realidade deles! É muito cruel pra mim porque quando eu desisto de estar com meu irmão no tráfico e estudar, eu queria ficar rica, mas eu queria também promover igualdade. Quando eu vou pra as reuniões lá na casa da minha tia em que eu cresço sabendo que o professor Willian... que o professor Willian é... discutia com os políticos e que a gente tinha uma possibilidade de unir as duas coisas... obrigado... e mudar essa realidade, e agora eu vejo que na favela tem um processo de vampirismo, né, isso é vampirismo, né? O Drácula traiu... o Judas traiu Jesus, né, o Drácula, e depois ficou arrependido e jogou as moedas. Aqui em Manguinhos não tem a possibilidade de você se arrepender. Você tem valor de uso o tempo todo, isso é cruel, né? Nós... a Gleide fez um trabalho que identificou 62 igrejas. Qual é a função social da Igreja numa comunidade de alto índice de miserabilidade? É ganhar irmãos pra dar oferta? Por favor, quem é que tem oferta se não tem dinheiro pra comer?! Aqui a gente tem... foi aqui em Manguinhos que eu comecei a perceber, na Mangueira eu estava acostumada com filas homéricas de pessoas pra comprar drogas que não eram da comunidade! Quem de dentro da comunidade era visto comprando droga era discriminado, não podia estar com o filho da vizinha. Se a Michele usasse droga ela não poderia brincar com meu filho. Porque a Michele não prestava. Aqui em Manguinhos não presta quem não usa. Não tô dizendo que Manguinhos é pior do que a mangueira. Talvez a gente viva um outro momento histórico em que as facilidades tecnológicas levem as drogas às pessoas da Zona Sul e que as pessoas internamente foram ficando tão doentes e tão afastadas de possibilidades de lazer, que acabam tendo como lazer a cachaça, a droga e o sexo.

TF – Me diz assim... você tá narrando todo um processo de mudança também. Mangueira, hoje ela se apresenta como você viveu naquele momento ou existe algum tipo de mudança perante o tráfico de drogas, toda essa violência que nós estamos...?

IM – Não... não, a Mangueira, a Mangueira hoje não é a simples Mangueira que eu vivia. Mangueira hoje é um lobby, tem uma quadra linda, tem aquele viaduto com um erro de cálculo fantástico em que ninguém consegue se manter em pé, tem aqueles predinhos coloridos lindos por fora, cheios de pessoas pobres dentro... né? As pessoas estão se suicidando na Mangueira porque não têm dinheiro pra se manter. Só que a Mangueira tem toda uma proteção de não poder estar na mídia que Manguinhos tem toda uma proteção de não estar na mídia porque não tem importância. Aqui as pessoas morrem, não estão na mídia, na Mangueira não pode aparecer na mídia porque vai estragar o convênio com os Estados Unidos, que é diferente. A Mangueira sofreu mudanças também, eu ainda tenho familiares na Mangueira. A Mangueira sofreu uma perda cultural muito grande. Mangueira hoje tem o peso de outro, né, vale dólares. Hoje eu não sei se ainda tem os grupos sociais que tinha na minha época, mas eu sei que o pré-vestibular ainda continua... continua, as pessoas que estão lá não têm a ideologia que a gente tinha de estudar pra mudar a realidade da favela, mas são firmes na postura política ainda. A Mangueira perdeu alguma qualidade, com certeza perdeu, percebo que perdeu. Até porque tá relacionada com toda globalização, com o desenvolvimento econômico, né? A gente só consegue mensurar a interferência que essas diferenças econômicas têm que o Lula fica brigando que os Estados Unidos e a Europa fica brigando, quando a gente pára no tempo e consegue perceber como isso interfere. A Mangueira hoje, ela tem umputa poder, ela tem uma inserção muito grande nos outros continentes, mas ela também perdeu a sua identidade com a comunidade. A Mangueira, a quadra da Mangueira hoje, ela também pertence ao tráfico. Né? O presidente da Escola tem uma função, se a Escola não ganhar ele apanha. O Chiquinho da Mangueira tem uma função: ele tem que defender os interesses do tráfico. E se não defender também apanha. Isso é o mínimo, né? E... agora, tem uma coisa que faz a diferença, né, Manguinhos não tem uma escola de samba famosa, não tem nenhum convênio com os Estados Unidos... O único convênio que Manguinhos tem com a Europa é o projeto que eu trabalho de CCAP², o CESVI³ (Inaudível) e União Européia. Que a gente fica quietinho com medo do tráfico também não querer pegar, né? Porque nas outras favelas já tá tendo o... Ação Social. Cada projeto social tem que dar uma cota de dinheiro pra eles. Isso tá rodando nas áreas todas, ainda não chegou na nossa área. Mas a gente tem muito medo porque a gente lida com euros, né? A nossa ONG é dentro da favela. E... agente fi... de vez em quando a gente é chamado... a gente já teve que...

TF - *(Inaudível)*

IM - Vila turismo, CCAP... o CCAP trabalha pra as três comunidades de Manguinhos. Mais o foco dele mais forte é dentro de Vila Turismo. E em Vila Turismo... Vila Turismo se concentram os chefões, né? e eles têm o maior respeito pela gente. Há dife... pela gente... *(risos)*

FS – *(Inaudível)*

² CCAP – Centro de Cooperação de Atividades Populares, na Comunidade de Vila Turismo.

³ CESV – ONG italiana que financia projetos sociais do CCAP.

IM - No CCAP a gente trabalha com... desenvolvimento. Dentro de desenvolvimento a gente trabalha com a comercialização lá em Costa Barros tentando fazer com que a gente fortaleça o comércio interno e promova uma discussão e reflexão acerca do desenvolvimento econômico de favela. Nós temos o Tia Zilda que trabalha com a infância pequena, né, com pré-escola e educando pra liberdade, onde a criança é o principal ator. Temos 320 e poucas crianças e esse trabalho já é desenvolvido há mais de 10 anos, é mantido pela União Européia por uma ONG, CESVI, italiana... e doadores, pessoas civis da Europa que se identificam com o projeto. E a gente manda vídeo, relatórios, prestação de conta... tem o Fundo de Mútua Ajuda que é o fortalecimento da mulher empreendedora, que eu que coordeno... lá em Costa Barros... tem o PEJA⁴, que é o projeto de educação para o ensino médio e fundamental, onde a gente prioriza dentro do conhecimento, a formação política, tem a dança, tem a capoeira, tem a educação alternativa, que eu não concordo muito que seja educação complementar... a gente tá discutindo isso: complementar a quê? Se a gente trabalha com educação complementar, a gente parte do princípio que tem uma educação, então eu tô complementando o quê? Né? Eu tô com essa discussão agora. E futebol que é uma praga. Não sei pra que ter futebol dentro de um projeto de desenvolvimento. Eu acho futebol altamente alienante. O futebol pelo futebol, um bando de homem correndo atrás da bola, onde as pessoas têm de garantir suas vidas... – E olha que eu já fui atleta – eu acho que o futebol tem que estar atrelado a alguma coisa mais rica: entender o funcionamento físico, as condições de alimentação, o cuidado que você tem que ter com seu corpo, com a higiene... Qualquer coisa é melhor do que correr atrás da bola. Então a gente tá discutindo essa questão do futebol lá. Mas a gente tenta dentro do CCAP trabalhar o desenvolvimento da região de Manguinhos e trabalhar a sustentabilidade através do desenvolvimento do indivíduo. Nisso é um sofrimento porque quando eu, nesse processo de inserção na associação de moradores na universidade estava tentando trabalhar, em procurei a Gleide e falei: “Gleide, eu tenho uma angústia, eu quero trabalhar em educação. Eu quero botar em prática tudo que eu aprendi.” É aí que eu chego no CCAP, né? Eu não tenho jeito pra alfabetizar. Eu acho muito sério alfabetizar, muito forte, eu não tenho essa manha. E eu não tenho jeito pra brincar com criança, eu nunca brinquei com boneca. Eu sei brincar assim “Ei...!”, acabou. Eu não sei educar a criança, eu não sei brincar, eu sou uma pessoa muito fechada. Eu falo sério, eu brigo sério, eu tenho uma fala forte, eu assusto. Então não tenho manha pra lidar com criança, não tenho manha pra alfabetizar adultos porque eu não tenho paciência pra ficar buscando a palavra que ele vai entender. Eu não tenho essa manha. E eu descobri que eu sei lidar com a educação séria, educação Ensino Médio, descobri que isso é reprodução acadêmica, né, que é mais fácil eu ensinar a quem já sabe alguma coisa. E tento trabalhar a formação política através da minha experiência. O que eu vivi, quais foram as minhas dificuldades, o que eu vivo na faculdade, a minha ausência de leitura, a minha solidão de conhecimento dentro do Ensino Fundamental e Médio. Porque ontem eu me vi fazendo isso. Tem um livro grosso ali que eu estava lendo e eu não entendi umas palavras, fui procurar no dicionário, não me satisfiz. Aí eu falei pra o meu filho: “Tá, tô te ajudando a fazer o dever, quem é que vai me ajudar agora? Quem é que vai solucionar essa minha dúvida acadêmica? Quantos acadêmicos você conhece aqui na rua?” E isso você acaba perdendo a sua identidade, né? Quem... quem me alivia um pouco é a Gleide que é uma pessoa que eu respeito muito, que acho que tem um

⁴ Programa de Educação para Jovens e Adultos.

profundo conhecimento das coisas e talvez sofra um pouco quando chegar à universidade, né? Porque a universidade, ela é muito dura, ela... você tem de ser bom. Você não pode parecer frágil, a sua fragilidade se transfere pra burrice, né, e ninguém quer ser burro. Burro não tem vaga na pesquisa. Sem contar com a idade, né, que ninguém que eu conheço vai pra universidade morando aqui, antes dos 25. E a pesquisa vai até os 25. E aí eu fico fazendo as minhas pesquisas em Manguinhos. Quando eu tô no CCAP eu penso que eu posso estar criando, trabalhando a identidade dentro do Ensino Médio e Fundamental nos jovens de Manguinhos, que é uma possibilidade... Porque a gente mora aqui. Das 13 comunidades, a melhor que eu vejo de infra-estrutura são as duas ruas de Vila Turismo e o Samora Machel, é onde se concentram as maiores rendas, né? Eu tenho alunos do Mandela de Pedra, como é que eu vou dizer pra aqueles alunos do Mandela de Pedra que moram naquelas casas de 10 metros quadrados no máximo, que o melhor lugar no mundo é o lugar onde eles moram?! Não posso! Eu posso dizer pra eles dentro de conhecimento que a gente pode estar brigando, lutando juntos pra transformar esse lugar num lugar melhor. Agora, o melhor lugar do mundo não vai ser nunca, sinto muito. E eu tinha essa ilusão: o melhor lugar do mundo é o lugar que a gente mora. E se o melhor lugar do mundo não for o lugar que a gente mora, a gente não tem a obrigação de transformar. Agora, não tem como transformar o Mandela de Pedra no melhor lugar do mundo. Não dá, não tem sentido! E as pessoas estão morrendo lá de tuberculose, de aids... alcoolismo... Eu tenho hepatite B e C. Alcoolismo eu não sabia os exames. É... alcoolismo, drogas, depressão... As crianças não crescem, não desenvolvem... As mulheres abortam, quando não abortam espontaneamente, abortam na marra porque não tem outro jeito. Né? os adolescentes vão morrendo porque vão pra o tráfico mesmo, estão à toa... (Inaudível) Ah, Mutilados é um clube aqui, eu pensei até que era do trem. Eu perguntei: “Gente – quando eu voltei – por que é que tem tantos mutilados? (*tosse*) Acidente de trem?” “Não, tiro.” Muitos, sem perna, sem braço... muito mutilado. É... eu nesses 11 anos que eu tô morando em Manguinhos eu tive a possibilidade de acabar com o meu romantismo não só com a universidade, mas quando eu fui pra Brasília porque nesse ir e vir, em pesquisa de favela, universidade, Manguinhos, eu me envolvi em pesquisa. E foi muito cruel porque nessa comprovação eu fui entrevistar alguns bandidos aqui de Manguinhos. Na época – eu não sei se a Gleide conheceu – o Caju. O Caju, aquela casa amarela, a bendita casa amarela, marquei uma entrevista, marquei uma entrevista com o Caju, isso em 94...

TF – Caju era de Manguinhos?

IM – Caju, não, Caju era um bandido, chefe do tráfico.

TF – Mas era de Manguinhos?

IM – É, de Manguinhos. Ele era pernetá. Ele não tinha uma perna, ele andava de muleta. Mas era ruim como o cão. Só que eu não o conhecia, eu vivia na universidade. Eu ficava o dia inteiro fazendo faculdade, eu dormia na favela. E... eu pensei que eu estava em Mangueira, né? Aí marquei uma entrevista com ele. Eu não tomava bebida alcoólica. Fumava maconha mas não tomava bebida alcoólica de jeito algum. E aí eu fui nessa casa, mais ou menos aqui assim, tinha uma mesa e eu... e ele mandou que eu sentasse nessa mesa, era umas 4 horas da tarde, pra entrevista. E o meu professor tinha feito um documento pra

eu apresentar a ele pra fazer pesquisa. Só que naquele mesmo dia eu tinha ido fazer uma entrevista com o Gibião no Chapéu Mangueira. E durante a entrevista...

GG – Não conheço.

IM - É, Gibião, presidente lá do Chapéu Mangueira, Morro do Arroz, né? lá do Chapéu Mangueira. Morro do Arroz. É aquele pedacinho ali, onde a Benedita morava. Não é Morro do Arroz não, esqueci. Morro do arroz é Niterói. Aí... é, porque eu já trabalhei em tanto morro... (Inaudível) É. Quando a gente estava entrevistando o... estava eu, o meu professor, o mestrando e o rapaz que eu continuei namorando, que era meu colega de pesquisa... e aí houve uma incursão no Chapéu Mangueira e a moça veio gritando: “Gibião, Gibião! Corre que o seu filho tá preso!” Eu descí, eu falei: “Professor, não quer ver a ação da polícia? Vamos agora.” E corremos atrás do Gibião e fomos ver. Chegamos numa laje, tinha dois meninos deitados, um policial com a cabeça do menino presa debaixo do pé com o fuzil apontado. Aí a gente, eu falei: “Ó lá professor, olha como eles agem!” Fiquei igual um “caninana”, né? Porque eu tenho pavor, tenho nojo de polícia. Quando a gente chega na laje, uma distância como daqui da Michele para o policial, o policial tira o pé de cima do menino e grita: “Isabel!” Eu falo: “Jack!” Era o meu melhor amigo de faculdade. Era o tenente Busnelo, o terror da Zona Sul. Esse tenente Busnelo, terror da Zona Sul, era o cara que mais me ajudava com os trabalhos sociais na Mangueira. E aí eu... primeiro, claro, abracei o meu melhor amigo, que eu não via há quase três anos, como é que ele estava... ele era um gaúcho que estava morando no Rio, que não tinha nada pra fazer, nem se virar ficar me ajudando, dava aula, ia fazer visita às pessoas, convencer as pessoas que tinham que estudar, era super solidário... Esse era o meu amigo Jack. Aquele homem fardado pisando no rosto era o terror da Zona Sul. E eu abracei o meu amigo Jack e pedi pra ele não maltratar o rapaz. E aí negocia daqui, negocia dali, ele falou: “Por causa dela eu vou largar vocês, vocês já me conhecem!” Aí eu perguntei a ele por que ele se tornou um policial? Ele falou: “Eu não tinha onde morar, não tinha o que comer e era bonzinho, não tinha resultado... me afastei de vocês, fiz prova pra Secretaria de Segurança Pública... pra o Instituto de Segurança Pública, e virei tenente. E agora eu tenho casa, comida e ainda tenho poder. E quando eu entro, eu mato porque senão eu vou morrer.” Eu falei: “Jack, você era meu amigo!” Aí eu falei: “É, estamos em lados... não vou te ver mais...” ele me deu um cartão, eu botei na agenda. Isso era de manhã a confusão, isso já era... me despedi dele já era umas 4 horas da tarde. Meu amigo falou: “Você sabe o que vai acontecer com você, né?” Eu falei: “Eu não, ué! Eu livre todo mundo da cadeia, encontrei com o meu amigo, vai acontecer o quê?!” 4 horas da tarde eu tinha essa entrevista marcada aqui na Varginha. E eu era moradora do Mandela, mas não era conhecida. Quem estuda, fica na faculdade o dia inteiro, morava há pouco tempo... A Bife que era... passava pó, né, me conhecia, era gerente da Boca do Arará, eu acho, não sei, me conhecia muito bem.

GG – Tá até da Mangueira.

IM – É, a Bife. Me conhecia muito bem. O Sandro, marido da Vânia, me conhecia muito bem, que era cria da Mangueira. E a Vânia era minha vizinha, era amante de um dos bandidos. E o seu Getúlio, vizinho da gente lá, era pai do menino que tinha o chiqueiro em frente da minha casa, tinha saído da cadeia, me achava linda e inteligente.

GG – Seu Getúlio é bandido velho.

IM – Essa foi a minha sorte, por isso vocês estão me vendo aqui. Bandido velho, coerente e me achava bonitinha e inteligente. Me achava ingênua. Eu fui pra essa entrevista, quando eu cheguei já tinha ordem pra me matar. Eu fui considerada X-9, amiga de bandido (Inaudível) por causa da minha postura. E na Mangueira era normal ser amigo de polícia, policiais moravam dentro da Mangueira! A minha irmã é casada com um policial. A minha irmã se afastou da gente. A Gleide teve oportunidade de conhecê-la. É uma pessoa boa, carinhosa, que não pode estar perto da família porque casou com um policial! Porque na mangueira tinha policial! As pessoas moravam. Eu morava na área militar da Mangueira.

TF – Aqui em Manguinhos não tem policial morando?

IM – É ruim! Até bombeiro! (*risos*) Bombeiro já tem que fazer onda. (tosse)

GG – ... (Inaudível) pra te responder isso aí... o meu primo, eu tenho um primo que está na Aeronáutica há 30 anos. Há mais ou menos 30 anos que ele é soldado lá, ele não deve ser soldado mais, um negão alto, bonito. Eu nunca vi meu primo fardado, nunca vi. Ele sempre morou em Manguinhos. Eu sei que ele trabalha na Aeronáutica.

TF – Então ele mora em Manguinhos ainda.

GG – Mora em Manguinhos. Sei onde é a casa dele, me relaciono com ele. Mas eu nunca vi o meu primo fardado.

FS – Nem na região da... do Amorim?

IM – Ah, Amorim você tem extermínio. Amorim é a única área... Por isso que eu te falo que Amorim não faz parte de Manguinhos. Amorim é a única área que tem policial e eles desprezam as outras áreas e o pessoal das outras áreas também não tem uma boa relação com Manguinhos. E... há pouco tempo nós perdemos o Clayton, mais outro menino, porque passaram pelo Amorim, estava tendo um assalto e eles deduziram que eram os crioulinhos lá de baixo. Mataram o menino. Um menino ótimo.

TF – Polícia de quem?

IM – Polícia bandida.

MG – O meu irmão trabalha há 23 anos na Aeronáutica e foi proibido pelo governo de eles andarem fardados. Só quando vão entrar no quartel eles colocam a farda, quando termina o horário eles tiram, botam roupa normal porque eles foram ameaçados de morte se andassem fardados nas favelas.

IM – É, porque eles invadiram lá na Zona Oeste, ali em Realengo e resolveram fazer justiça com as próprias mãos, quando sumiu armamento... o... ali naquela favela ali em realengo,

Engenho Novo, Estrada do Engenho Novo. Eles... (Inaudível) Não, não, começa ali. Eles pegaram, levaram pra o quartel, os bandidos... teve um assalto grande de armamento aí que apareceu na televisão. Eles levaram pra o quartel e riparam os meninos, bateram muito. E obrigaram a devolver o armamento. Então agora eles não podem andar fardados porque eles são inimigos do tráfico também, né?

WL – Tenho um amigo que é marinheiro, ele é fuzileiro naval, ele não anda de farda aqui em Manguinhos. A Marinha não anda...

IM – O meu amigo fez uma escolha, ele... ele escolheu a farda. Eu não sei se ele ainda é vivo. Eu fiquei... ele é um exemplo que eu tenho de uma pessoa dócil e que...

TF – O Jack.

IM – É. E que não conseguiu agüentar. Porque, sinceramente, eu aprendi que a gente tem de ter um lado, a gente tem que ter um lado na vida da gente. E com certeza o meu lado não é o da polícia. Porque a polícia pra mim representa o Estado. O tráfico, eu não discuto o tráfico, o tráfico não é oficial. Não... eu não consigo entender como é que eles conseguem esquartejar, botar no micro-ondas, botar fogo... Eu não gosto quando o tráfico vai na minha porta pegar meu irmão pra bater. Eu peito eles, eu discuto com eles. Mas eu sei que com a polícia eu sei o endereço onde eu vou reclamar. O tráfico não tem endereço pra reclamar! Entendeu? (Inaudível) Não, é... de uma certa forma é, porque... é, porque quem vende a arma pra ele...

GG – (Inaudível) mas oficialmente não.

IM – Eu não sei dizer assim, eu gostaria até de ter a honestidade de dizer que eu tenho uma simpatia maior pelo tráfico. Eu gostaria de ter essa honestidade. Sabe? Porque a gente tem que ter um lado e eu não tô do lado da polícia. Mas eu não gosto de ninguém que mate outra pessoa.

GG – Quando você fala que o seu amigo escolheu um lado, que você cresceu com um amigo depois você encontrou outro, eu com certa tristeza falo isso com respeito ao Valério. Eu conheci o Valério (Inaudível).

IM – Valério do Mandela de Pedra?

GG – Eu conheci o Valério antes de ser contaminado. Era uma pessoa muito alegre, muito prestativo, uma pessoa que se dava com todo mundo. Quando eu me afastei pra fazer o meu Curso Normal e... quer dizer, como você diz: estudar, a gente só vinha pra casa pra dormir; quando eu descobri esse outro Valério também me choquei. O Valério nunca vi, nunca mais eu vi o Valério sorrir. Uma das coisas que eu achava mais bonito o sorriso dele...

IM – Ele me ameaçou... ele me ameaçou quando teve esse processo do Caju eu fiquei muito visada, eu fiquei marcada dentro das favelas como X-9.

TF – O que é X-9?

IM – Entregadora. Alcagüete, popularmente ‘cagüete’. Nesse dia que eu ia morrer, que o Caju me pegou e ficou me mantendo lá em cárcere, toda a hora ele vinha, de hora em hora... é horrível. Vocês não queiram nunca estar numa situação de estar na bola da vez. Nunca estejam... eu fiquei pensando no boi e no porco. Eu falei: “Caramba, eu não vou morrer igual um boi, eu vou fazer alguma coisa!” Eu fiquei de 4 horas da tarde até 2 horas da madrugada pensando como é que eu iria sair daquilo.

TF – Você ficou presa em casa.

IM – Não! Eu fiquei sentada na mesa, igual eles botam, senta. Você não vai correr. Vai correr, vai morrer. Tem uma hora que ele me levou “Vamos ali comigo.” Eu falei: “Agora...” Aí ele chegou na passarela do rio que corta entre a Varginha e o Mandela “O que você acha que deve fazer com um X-9?” Eu olhei pra ele, levantei minha sobrancelha com meio jeito pedante “Na linguagem de vocês: mata e joga aí no rio.” O X-9 é isso. Agora, o que é que é X-9, o que é que prova ser X-9? Eles pegaram a minha bolsa, revistaram a minha bolsa toda e acharam o cartão na minha agenda. “O que é que é isso aqui?” Eu falei: “É do meu melhor amigo, que eu encontrei hoje lá no Chapéu Mangueira e que se tornou o tenente Busnelo. O nome dele é Jack Busnelo. E ele virou policial, aconteceu isso e isso e isso no Chapéu Mangueira.” Eles me prenderam na casa, na primeira casa onde a gente come... e... foram averiguar a história. Seu Getúlio foi lá, me tirou da casa, me puxou pelo braço, estava a Suely Negra... a Suely que agora mora em Caxias... Todos os meus amigos, todos. Me levaram pra uma tocaia boa. “Tudo bem, você conseguiu entrevista, você vem...” foi assim, é muito complicado. Eu vivi oito tentativas de homicídio, (*risos*) eu sei muito bem como é que é isso. Essa foi a primeira. O seu Getúlio veio, me tirou de dentro da casa, deu uma porrada na Bife... “Você é traíra, você é Judas! Não tá vendo que essa menina é boba?!” Aí veio o cara e disse: “A história bate”. A história bate. Quer dizer, o que eu contei era verdade. (Inaudível) seu Getúlio falou: “Vai lá, vai buscar a bolsa dela agora. E eu não quero que falte uma moeda!” Veio a minha bolsa, o seu Getúlio falou: “Neguinha, eu consegui te tirar de lá, mas você não vai poder dormir aqui, você vai ter que mudar daqui agora, não volta nem pra buscar suas coisas.” Eu peguei minha bolsa, ele me botou num táxi... Minha sorte era que eu ganhava 2.500... – Por isso é que eu comecei a cheirar cocaína, né? Ganhava 2.500, na favela, não tinha aonde gastar, dava pra o traficante. – Aí peguei, aluguei... fui embora pra casa da minha sogra, me obrigaram até a ir morar com um rapaz. Aluguei... (*interrupção da fita*)

Fita 2 - Lado A

TF – ... entrevista com Isabel Cristina Martins, dia 31 de agosto de mil novecentos e... de 2004, fita número 2.

IM – Você falou na outra “1904”, tá? Depois você corrige (*risos*). Não falei nada não, mas agora... (*risos*). Você falou “1904”. Depois você ouve na fita.

GG – Cem anos atrás.

TF – É Oswaldo Cruz aqui.

IM – (*tosse*) Aí eu comecei a querer entender, sabe, com mais certeza, como que a gente era condenado à morte daquele jeito por estar tentando entender a relação... como é que era essa relação de liderança dentro da comunidade. Aí eu comecei a conhecer Valério, comecei a conhecer Magu, comecei a entender qual era o papel de uma mulher dentro desses movimentos sociais, a diferença de gênero, a possibilidade de discurso de uma mulher em relação ao homem, o que significava a mulher no tráfico, o que significava lutar e para que lutar, quais seriam as possibilidades de mudança, e até hoje eu faço isso, de uma certa forma até hoje eu faço isso. De uma... no início de uma forma muito ingênua, sem nenhuma visão muito crítica, só querendo provar que não era mentira, que estavam discriminando o lugar onde eu morava, na verdade era isso que eu queria provar. Hoje eu não vou dizer pra você que eu tenho uma identidade com Manguinhos, eu tenho identidade com todas as favelas do Rio de Janeiro, eu tenho identidade com todas as áreas discriminadas. Eu odeio qualquer policial, mesmo ele sendo bom. Eu não conheço policial bom. Lembra que eu perguntei (*risos*): “Me apresenta um policial honesto.” Mas eu... eu, às vezes, percebo um... um bandido ingênuo. Eu... na verdade, eu percebo um vagabundo, né, não é um bandido, é um vagabundo, é alguém que gostaria de ser o Cazuzza, porque o Cazuzza foi traficante, ninguém... Por ele ser rico ele foi rebelde, né, o Cazuzza foi rebelde. Meu irmão é que foi traficante, que vendeu maconha, por isso ele morreu com dois tiros na nuca.

FS – Isabel, você fala um pouquinho da casa amarela, fala um pouquinho da história dela, do relacionamento dela com o Comando Vermelho?

IM – É, o... quando a gente estava fazendo pesquisa – eu acho que a Gleide até pode falar um pouco melhor isso do que eu – porque nessas minhas andanças, as reuniões do Comando Vermelho, do surgimento do Comando Vermelho, de uma certa forma eu... a gente acompanhou porque o meu cunhado, o meu irmão, “é” um pouco da nata desse Comando Vermelho. E eu tinha quase que traumatizado isso na minha cabeça por causa da vivência que eu tive quanto a tentativa de “homicidar-me”, né? E essa casa era a casa onde ficavam, onde eles pensavam os seqüestros. Lembra? Marcelo Xará, Benemário, essa...

FS – Isso durante a formação do Comando Vermelho nos presídios, ou depois dessa época?

IM – Não, depois! O Comando Vermelho tem três processos na verdade, né? Quando reúne o Denis, o Dino, o “Meio Quilo”, o Marquinho do Estácio, o Mineiro, o... Como era o nome daquele outro de São Carlos? Tinha... Era um grupo grande que se reunia, mas tinha cinco cabeças. Esse é o primeiro momento, quando eles pensaram o seguinte: o banco estava ficando difícil, a segurança estava aumentando, e eles precisavam continuar mantendo grana. Aí eles começaram a discutir... Eu me lembro bem que eles tinham sempre um pote branco com um pó branco que eu não sabia o que era, um pote assim, dessa cor. E as reuniões eram lá em casa, na sala, e eles ficavam discutindo... lá na Mangueira, que o

meu... minha irmã era casada com esse cara, casada não, tem filho né, eles ficavam casados pra amenizar a coisa, e eles ficavam discutindo como entrar. Na época, eu me lembro que o Dino ficou responsável por assumir Niterói. O Meio Quilo ficou na área aqui. O Denis ficou em Acari, se eu não me lembro (*sic*), e o Marquinho ficou responsável pela área do Estácio, Rio Comprido, ali. O meu cunhado ficou responsável pela Mangueira. O meu irmão era “bucha” porque meu irmão não gostava de matar ninguém, o meu irmão era o cão fiel do meu cunhado, meu irmão.

FS – Isso foi feito tudo em Mangueira ou aqui?

IM – Isso na Mangueira, na Mangueira.

GG – Num primeiro momento.

IM – Primeiro momento. Quando começaram a pressionar...

TF – Quando isso? Quando? Quando?

IM – Isso em 87... 86, 87, por aí, meados de 86 pra 87, foi quando vem mesmo forte a segurança com os bancos, assaltos... E eles, assim, eles eram muito politizados, a conversa deles era fantástica! Aquele Gordo, que ficou com a Zona Sul, aquele cara dava a volta no rato, ele era muito inteligente. Eu, particularmente, era apaixonada por... de ver eles conversando. Era tudo... Meu cunhado não... mal sabia assinar o nome, *eu* fazia as plantas, a velocidade do carro, quanto tempo ia levar pra fazer o assalto, eu via isso muito bem. Só que todos eles tomavam ‘pico’ nos pés. Aí, depois que o meu cunhado ficava “doidão” era um inferno, matava qualquer um. E aí, quando começou a ‘sujar’ Acari, Mangueira, eles começaram a descobrir esse ponto aqui da Varginha, Manguinhos. Eu me lembro, quando eu tinha 18 anos eu vim tirar a identidade aqui, na TRE, né? E aqui era uma área boa porque era uma área praticamente morta, e o Benemário treinava, recrutava menores, né, pra o tráfico, né? E... eles, do banco, eles tinham que ter uma parcela de... de grana que eles doavam pra ‘boca’ pra comprar armamento, pra reforçar. E uma das características de Manguinhos era seqüestro, eles trabalhavam mais com seqüestro. A Suely Negona, que era minha amiga até esse dia, era uma das mulheres fortes... é... Como é? Matuta não, “mula”, né?

GG – É.

IM – Atravessava droga pra cadeia... Tinha a Suely, tinha a Bife...

GG – Norminha também era (Inaudível).

IM - ... a Norminha... A Norminha eu não conheci tanto...

GG – (Inaudível).

IM - ... mas eu conheci a outra Norma, a outra Norma, a mulher do Pierre. E, eu, como pesquisadora, (*tosse*) quase ingênua, tinha visto novela demais, achava que eu tinha que me inserir no meio deles pra eu descobrir o que eu queria, porque aí eu já tinha... já sabia que estava todo mundo envolvido, e eu queria saber era como é que isso funcionava. Às vezes, eu ficava com elas... O que eu fazia? Elas gostavam de cheirar. Eu, sinceramente, eu gostava de fumar. E, quando a gente tem acesso a esse pessoal, a gente não... a gente ganha ‘colher’, né, “consideração”. A Suely pegava e passava, e quem passava, na época, morria. E eu sempre vinha aqui. Antes tinha... aqui do lado tinha uma passagem que dava pra o rio, né, a fuga pra o rio. Eu sempre vinha aqui encontrar com a Suely, as reuniões eram sempre aqui, tanto que na...

TF – As reuniões eram dentro da casa amarela?

IM – Eram porque aqui tem fuga pra trás.

GG – (Inaudível).

FS – As pessoas se reuniam (Inaudível)...?

IM – É, tinha reuniões.

FS - ... (Inaudível) os mesmos do Comando Vermelho...?

IM – Não, os mesmos não...

FS - ... aliás, do... da Mangueira?

IM - ... quem estivesse pra fazer aquele ‘trampo’, ou atravessar uma carga, ou ir para o Paraguai buscar armamento... Quando eu vim morar aqui eu descobri isso: o armamento daqui vinha muito do Paraguai, e eu ficava ouvindo, louca pra chegar em casa pra anotar porque eu não podia gravar. Tinha o... É aí que começam os nordestinos, a relação dos nordestinos.

FS – Eu fiquei confuso. Como é que é... essa centralização do... desse comando, essas reuniões saíram da Mangueira e vieram pra cá?

IM – Ué, Jacaré!

GG – Você falou de um primeiro momento, foi... e... citando...

FS – É, e passou direto....

IM – Primeiro... num primeiro momento as reuniões eram lá. Começou a pressão. A polícia começou, começou a guerra, começou... Quando o Mala Cheia foge... Mala Cheia foge, tem uma dissidência na Mangueira, matam o Mala Cheia. Aí, tem uma “galera” que eu não... não sei, sinceramente não sei de onde era, eu não tenho esse conhecimento, começa a

perturbar eles. Aí começa a polícia também a pressionar quando começa a... Aí morre o... morre o meu... Meu cunhado morreu primeiro? Meu cunhado morreu primeiro, meu cunhado morreu... final de 96, novembro de 96, ou março? Meu cunhado morreu em 96, é, em 86, desculpa, “tô” igual tu (*risos*), 86. E aí, meu irmão também... meu irmão morreu em 87, começa a ter baixa. Eles começam a escapular. Por isso que eu falei que eu fui ingênua e bobinha de vir morar aqui no Mandela e achar que eu estava afastada da realidade da Mangueira. Todos os cabeças, os bandidos da Mangueira, estavam na Varginha, e...

TF – Será que eles não estavam – uma hipótese, assim - em todos os lugares, quer dizer, na realidade eles estavam fazendo uma rede, não? Estou enganada?

IM – É... Era...

TF – Eles saíram da Mangueira pra vir pra cá por segurança, ou eles estavam lá, estavam aqui, estavam ali, estavam (Inaudível)...?

IM – Bom, era um lado da história que eu não conhecia. Eu sabia que eles estavam em Acari; eu sabia que eles estavam no... no Estácio; eu sabia que eles estavam no Morro do Estado, em Niterói; eu sabia que eles estavam na Mangueira; eu sabia que eles estavam no Engenho da Rainha, no Morro do Urubu; e eu sabia que eles estavam nos morros da Zona Sul: Chapéu Mangueira, Mata Machado, Rocinha, as favelas que eu visitava, mas eu estava olhando a nível de associação de moradores. Quando houve esse problema comigo, eu despertei para a questão da... do... da malha, da formação da rede, discutir se o tráfico era uma organização ou uma facção. Aí eu já estava interessada em saber isso e como é que era que se formava esse mosaico, quais eram as conexões, quem é que fornecia, quem não fornecia. Aí me acelerou, eu queria saber tudo. Aí eu queria... eu queria saber também por que é que meu professor queria saber tanto. Aí eu comecei a querer saber tudo. Aí eu comecei a me infiltrar, aí comecei, realmente...

TF – (Inaudível) virou X-9, né?

IM – Não, comecei a ser pesquisadora (*risos*), comecei a pesquisar, que aí eu já não... eu não falava com o professor, eu... eu armazenava as escritas e não passava pra ele, eu só passava pra ele o que era relacionado à...

GG - ... associação?

IM - ... à associação, porque eu... eu tinha um interesse em escrever, e eu queria escrever como é que era esse processo e se... e como que o tráfico seria uma organização. O tráfico não seria uma organização, ele seria um braço de uma organização mais intensa, que estava acima das favelas. Na verdade, eles eram os capatazes de alguém. E eu fiquei muito curiosa quando eu vi que nessa casa se reuniam... a organização dos camelôs. Você sabia dessa? É. O grande crescimento de armamento em Manguinhos vem através da inserção dos nordestinos, com a criação do “camelódromo”. Eles começam a... as compras no Paraguai e no Paraná, eles... atravessar pelo Paraná pra comprar sapato, bolsas, material de pesca...

GG - ... e eles também atravessavam?

IM - ... junto vinha o armamento. E eu fiquei de boca aberta, pasma, porque eles me consideravam do grupo, e eu observando essas coisas, tanto que, quando eu levei uma “coça” no camelódromo, eu calei a boca, eu... Eles são piores do que os bandidos daqui de dentro.

TF – Essa casa era alugada por alguém, era de alguém (Inaudível)...

IM – Olha, eu não sei, nunca soube. Eu sei que quem tinha inserção nessa casa era a Suely.

TF – Quem tinha a chave da casa?

IM – A Suely. Quem abria a casa era a Suely.

MS – (Inaudível)?

TF – Não, a Suely foi embora!

MS – ...mora alguém ali...?

IM – Não, a casa é vazia!

GG – Tem uma aparência de abandonada,

IM – Ela é abandonada! Eu acho que essa casa é da família da Suely, eu acho que é, eu não tenho certeza. Eu posso perguntar à Marla. Porque quem abria a casa para as reuniões da gente era a Suely, porque eles achavam que eu, como universitária e geógrafa, eu tinha o conhecimento que eles precisavam. Eu conhecia ponta à ponta da Mangueira. Na época eles estavam organizando a invasão da Mangueira. Só que eu tinha um sobrinho que era da liderança do tráfico lá, eu tinha a minha família lá. E... o Gustavo gostava de mim, o Gustavo tinha paixão por mim. Só que o Gustavo é que estava de cumplicidade com eles aqui e traindo a Mangueira. Na verdade, o Gustavo estava traindo... traiu feio a Mangueira. Morreram 21 pessoas no... no carnaval de 1994. Foi o pior dia da minha vida. Eles se reuniram aqui, organizaram a invasão da Mangueira... Eles perguntavam: “Quantas entradas tem a Mangueira, Isabel?” “Eu falava: “Olha, várias. Tem uma ‘boca’ aqui, uma ‘boca’ ali, uma ‘boca’ acolá”, e tal... Eles cercaram todas as entradas da Mangueira. Eu chorei muito nesse dia. Porque as pessoas vão te perguntando, você vai respondendo, né? Aí, depois, a pessoa te diz: “Olha, não vai à Mangueira hoje.” E eles escolheram para invadir a Mangueira na hora do desfile. Muita covardia! E selecionaram... não mataram meu sobrinho, não mataram o Beato Salu, e não mataram o Miltão, o resto era para morrer todo mundo. Morreu até uma senhora, não sei se você lembra disso, jogaram uma granada na casa. Morreram 21 pessoas em menos de 10 minutos, muita gente. E eu me senti muito culpada, eu não... não gosto muito da história dessa casa não, porque eu não sabia que eu estava conversando com eles, que eram amigos lá na... na... no prato, e que eles estavam organizando uma invasão, até porque o Gustavo era cria da Mangueira! Eu nunca ia

entender que Gustavo queria matar as pessoas na Mangueira, porque a... A cocaína, quando surge a cocaína, ela é muito pesada, a cocaína... ela dá uma ambição, é dinheiro muito rápido! Eu estou dizendo isso porque eu vivi isso. Eles davam os sacos, as pessoas trabalhavam esse saco, e ganhava-se 1.200 reais em menos de uma hora! Olha, em 94, mil e duzentos reais era dinheiro pra cacete! E isso não crescia o meu olho porque eu fazia pesquisa para a universidade, e eu pesquisava pobreza e Educação para a (Inaudível). Então, eu ganhava 50 reais por cada transcrição de meia hora, e trinta por cada entrevista. Eu fazia entrevista a balde, que eu conhecia tudo quanto é favela, conhecia o tráfico, entrava em tudo quanto é favela. Eu ia nas bocas entrevistar os alunos que estavam fora das escolas... Então, eu ganhava, assim, uma média de 1.900 a 2.500 por mês. Então, eu não tinha essa dependência da droga. Mas a “galera”... assim, ficava atravessando. Eu vi... e gente que... Só que eles também consumiam, então, o dinheiro não era pra melhorar a qualidade de vida, era pra devolver pra o cara. Eu falo pra o meu irmão que eu não vejo vantagem nenhuma nisso. Tu trabalha na boca, vai lá, compra o pó, cheira tudo, vend...

GG – (Inaudível).

IM – Não tem (Inaudível), não tem sentido. E nessa casa aqui se reuniam, assim... Hoje eles se reúnem perto. Eu vi que o grupinho fica no muro, do outro lado da rua: seu Tonho Manteiga, Washington...

FS – Quer dizer, aí não é mais Comando Vermelho, né?

GG – Não, agora (Inaudível)...

IM – Aqui é Comando Vermelho.

GG - ... (Inaudível).

IM – Não, eles continuam Comando Vermelho, eles só não têm mais direito a voz. Hoje nós temos a 3ª geração do tráfico. Teve essa que era a inserção da cocaína por aumento da segurança; teve essa que foi ver a possibilidade de seqüestro até a cocaína render o suficiente, porque eles precisavam de armamento, precisavam guardar seus territórios, né, e para ter território tem que ter arma, e para ter arma tem que ter dinheiro, né, que não é barato; e tem essa 3ª fase, que é quando esse... esse grupo todo que eu estou falando, a maioria já morreu, só tem o Benemário, o Marcelo Xará...

GG - ... presos.

IM – É. O Magno acabou matando o Gustavo. Foi preso essa semana, de novo. O Magno matou o Gustavo porque o Gustavo pirou. Quando ele matou as pessoas ele entrou em parafuso, começou a divagar, cheirar muito, e ficava subindo na árvore e descendo na parede igual ao Homem Aranha (*risos*). Aí o Magno teve que... Magno teve que matá-lo porque senão ele ia matar todo mundo. O tráfico tem isso, né, é igual cria: o Gustavo pirou, mata logo.

MS – (Inaudível) é Gustavo (Inaudível)...

TF – (Inaudível) Gustavo?

IM – Gustavo, Gustavo...

MS – ... (Inaudível)?

IM - ... Gustavo, o presidente da Mangueira. A Michele é quase minha parente. Vocês sabem a história da Michele, né?

TF – Ninguém é quase parente (*risos*)?

IM – O meu sobrinho era teu primo, né, o Fuca? O meu irmão bandido teve um filho com a sua tia, é tia? A Mara, mulher... Não, espera aí.

MS – Não, a Mara...

IM – A Cida é casada com o...

MS – (Inaudível).

IM – Como é o nome dele?

MS – Com o Kojac.

IM – Com o Kojac. O Kojac é irmão da Mara. A Mara é mãe do meu sobrinho.

MS – É, com o (Inaudível).

IM – É, mais ou menos assim.

CG – Nossa! (*risos*)

GG – Quando você fala de seqüestro eu lembro que o Rogério, que trabalhou comigo no CCDC⁵, ele foi vigia nas obras de construção do Nelson Mandela, e, depois que nós entramos, a Escola estava em construção e ele continuou sendo vigia, tanto o Rogério quanto um outro rapaz... eu esqueci o nome dele. E o Rogério disse que cansou de ficar na roda, à noite, com bandidos e seqüestrados. O Rio de Janeiro inteiro estava procurando, e eles aqui.

IM – A minha rua... a minha rua, não tem muito tempo não, tem 2 anos e meio, mais ou menos, eu... vim... vim com a “galera” da faculdade para estudar lá em casa, a minha rua estava cheia, uma festa: um seqüestrado de Higienópolis que estava passando na televisão

⁵ Centro Comunitário de Defesa e Cidadania.

toda hora, procurando o cara, estava lá do lado da minha casa. Não precisa ir muito longe não, quantas vezes! E é horrível, é horrível você conviver com isso! Por isso que eu falo que eu não consigo dizer que eu sou do lado do tráfico, eu... se eu tenho que ter um lado eu não estou do lado da polícia, mas é... é muito difícil lidar com... com a maldade, né, com a crueldade, com a tortura. Esse... esse grupo que reunia na casa amarela era um grupo que tinha ainda algum romantismo, era um grupo que ainda pensava em... em rebeldia, em trazer modificações, mas era um grupo que já estava usando cocaína, e era um grupo que precisava de mais dinheiro, de se manter no poder.

TF – Mas esse grupo inicial, (Inaudível) falou que tinha três etapas (Inaudível)...

IM – É.

TF - ... (Inaudível), né, esse grupo inicial é um grupo que trabalhava com o tráfico para sustentação, e depois veio um que utilizava, era assim? Como é que isso aparece, que eu não entendi muito bem?

IM – Não, o primeiro grupo era o grupo de assaltantes de banco, que...

FS – Mas esse grupo ainda... ainda dentro dos presídios, né? (Inaudível)...

IM – Não, eles já estavam na rua.

FS – Não, não, mas essa caixa que funcionava, eles recebiam dinheiro de quem estava na rua? Eu estou relacionando a quem o... Esse Comando Vermelho ainda funcionava ou (Inaudível)...

IM – Ainda era a Falange Vermelha.

FS – Ainda era a Falange Vermelha, tudo bem, ainda dentro do presídio. A 2ª etapa já deve ser fora, já (Inaudível)...

IM – É, eu... sinceramente, eu não... o que eu conheço da... da época da... do presídio é o que eu li. Quando... Eu estou falando, assim, é o que eu vivi. O que eu li é que os presos políticos se juntaram com os presos da... do Comando... da Falange Vermelha e aí trocaram conhecimento, e isso é um... uma história, né? Eu posso...

FS – (Inaudível).

IM - ... ter lido. Eu estou dizendo do grupo...

GG - ... que estava uma etapa na frente.

IM – É, eu estou dizendo de um grupo que é: o Carlinhos Mineiro, o Dino, o Denis, o Gordo, Meio Quilo e o...

GG – ... o Escadinha?

IM - ... o Carlinhos... Tinha o Escadinha, tinha o Isaías, estava esquecendo da cúpula, né?

GG – (Inaudível).

IM – Sim, mas quem eu via reunido, eu não via o Isaías, eu não via...

GG – Do Borel?

IM - ... eu nunca via o Isaías nem o Escadinha, eu via esses reunidos, discutindo como é que eles iam fazer e tal pra entrar no Acari, no Morro do Estado, na... no Santa Marta, na... ali no Centro da cidade, São Carlos, Providência, aquele pedaço ali todo...

TF – Esse “entrar”, quando você fala “entrar”, (Inaudível)?

IM – Entrar com a cocaína, entrar com a cocaína.

TF – Entrar como... para transformar aquele lugar onde (Inaudível) características, que tem vielas, é fácil de fugir, é isso, transformar ali como, digamos, num mercado?

IM – É...

TF – É isso.

IM - ... um mercado, atrair o mercado consumidor.

TF – Atrair o mercado consumidor, mas não seriam os consumidores da favela, seriam (Inaudível)...

IM – Não, não, a favela é como refúgio, atrair...

TF - ... (Inaudível)...

IM - ... o pessoal pra lá.

TF - ... atrair... atrair refúgio, atrair mão-de-obra?

IM – Por isso Rocinha, Santa Marta, Mangueira, favelas de acesso de tradição, lugares de acesso de tradição, porque são lugares que têm samba, que têm movimento, que as pessoas conhecem...

GG – ... a Mangueira é próxima da UERJ...

TF – Ah, tá, entendi. As pessoas de fora vão (Inaudível)?

IM – Atrair as pessoas de fora pra... pra comprar: época de samba...

TF - ... pra comprar (Inaudível).

IM – Por que o tráfico pega a quadra? Porque dentro da quadra também faz dinheiro, e dia de samba eles têm direito. Na Mangueira, o bar é do tráfico, a portaria é da escola. Na portaria passam todos os amigos do tráfico (*tosse*).

GG – O consumo no bar...

IM – O consumo no bar é altíssimo, o tráfico vai ficando cada vez mais forte, que não é o tráfico...

GG – Aqui em Manguinhos também...

IM - ... é a família Monteiro.

GG – Aqui em Manguinhos também...

IM – É?

GG - Alugam o... quando alugam pra baile o aluguel é da quadra, mas o consumo no bar...

IM – Então! Nós somos os escravos dos escravos, né, não tem saída, só jogando uma bomba. Aí o... Porque não tem jeito, é a escravidão, tudo em nome do capital. Não tem mais ideologia. Naquela época tinha toda uma ideologia política, mas também se queria dinheiro, queria poder. Na verdade...

TF – (Inaudível) que ideologia política que você está falando?

IM – Oi?

TF – Que ideologia política?

IM – Tinha ideologia política sim.

TF – Qual era?

IM – Lutar contra a polícia, melhorar a qualidade do pessoal que morava...

TF – Tinha esse discurso onde...?

IM – Tinha, tinha.

TF – (Inaudível)...

GG – (Inaudível) ditadura (Inaudível)...

IM – O Marcelo... o Marcelo Xará cansou de comprar casa pra dar pra quem não tinha. Estou mentindo? O Marcelo Xará cansou de comprar botijão de gás, remédio... Tem gente na minha rua que mora... Aquela casa toda quebrada, Marcelo, foi Marcelo que deu. O Marcelo não gostava de violência, a não ser quando traíam ele, né?

TF – Qual é a relação da casa com... Está na sua hora?

MS – (Inaudível).

TF – Então, deixe eu parar hoje e continuamos numa próxima... próximo capítulo, tá? Obrigada, Isabel, obrigada, (Inaudível).

IM – Nada, (Inaudível)...

TF – (Inaudível) que eu não coloquei o nome (*ruído na gravação*) das... das meninas. Fazem parte da equipe, também, Patrícia, Daniela e Fabiana. Obrigada, gente. (*interrupção na fita*).

*A Fita 02 não foi gravada integralmente (aproximadamente 20 minutos do lado A).

Data: 23/09/2004

Fita 3 - Lado A

TF - ... entrevista com Isabel Cristina Ferreira Martins, fita número 3, dia 23 de setembro de 2004, para o Projeto Memória de Manguinhos. Isabel, vamos continuar aqui a nossa entrevista, a nossa conversa, né? A gente já tinha conversado um pouco sobre a sua vinda de... da Mangueira pra... pra Manguinhos, e... vamos dar uma continuidade? Que eu queria que você chegasse agora, assim, já na tua época mais recente, né, quer dizer, da sua faculdade. Como é que você vê essa tua formação diante de uma comunidade onde poucos têm acesso a essa... esse tipo de formação.

IM – É, é engraçado (*risos*), é uma pergunta que... que, geralmente, até eu me faço. Como é que se tem o acesso à universidade? Como é que eu cheguei? Quais são as conseqüências de ter chegado, né? Eu não cheguei pra... na universidade aqui em Manguinhos, né, eu já fazia faculdade quando vim morar em Manguinhos. E o princípio de entrar pra faculdade não era um princípio único. Eu achava que ia estudar e ficar rica, mas a... mas, no grupo, a gente criou um princípio de estudar pra gente poder ter conhecimento e tentar mudar a realidade das favelas. Na época, tinha a ladeira da Kibon, tinha... tinha... tinha... além da ladeira da Kibon, tinha uma dificuldade danada de acesso a trabalho, tinha a UERJ, que era aquele monte sagrado, lá do outro lado, que a gente ficava o tempo todo convivendo com aquilo, mas não tinha muito acesso. Então, a gente criou um grupo de estudantes pra fazer um curso de pré-vestibular, e o principal compromisso desse pré-vestibular era a gente adquirir conhecimento e retornar, e repassar esse conhecimento, e... mudando a realidade. Com a minha... Quando, em 1993 eu vim morar em Manguinhos, eu percebi que eu não podia mudar só a realidade da Mangueira, que eu tinha um vínculo de identidade, né, eu tinha... Mangueira era o lugar que eu pensei que eu ia... envelhecer e morrer, mas eu não morava mais lá, eu morava em Manguinhos, que era uma situação bem pior... é... Foi a primeira vez que eu levei um choque porque, embora fosse de família de traficante, de mamãe totalmente de... louca, então, a família totalmente “desplanejada”, as pessoas fumavam maconha em grupo, do mais novo até o mais velho. E aí eu comecei a querer me envolver com esses projetos, né, na época eu fazia Geologia, querer entender como pode aquele rio, aquela refinaria, tudo aquilo... tudo aquilo que não estava certo e que eu não concordava, e que eu... de que forma eu poderia contribuir com o meu conhecimento. Isso é um lado. Por outro lado, eu acho que ir para a universidade servia também pra eu fugir daquela realidade que me oprimia. Estar na universidade com aquelas pessoas de classe média, né, uma outra linguagem, uma outra vida, de uma certa forma me protegia, me protegia muito. Eu gostava daquilo também. Eu achava que, com o meu conhecimento, talvez eu também pudesse mudar a minha realidade para, depois, mudar a realidade da favela. Em Manguinhos eu comecei a querer colocar isso em prática e percebi que é muito difícil. O que é que você faz com tanta informação, né? E venho tentando fazer isso, quando... até que eu, lá no meado da minha história, depois de ter conhecido as pessoas erradas, ter me envolvido com droga, né, começa do sonho às modernidades, né? Universitário, maconha, grupos, festas, bebidas, que não era a realidade da favela. Na

favela eu era uma pessoa que saía de manhã e chegava de noite. Em Manguinhos muito mais porque me faltava identidade, me faltava conhecer as pessoas. Aí eu fui conhecendo. Conheci a dona Pretinha e comecei a dizer o que eu queria fazer, de que forma eu poderia ajudar, comecei a participar das reuniões de formação das associações de moradores... Na época, estava se começando a pensar a criação da... do Nelson Mandela e do Samora, que são as mesmas pessoas que ainda estão até lá... até hoje lá, discutindo. Tinha a irmã do Castilho, a Gisa, né, a Gisa. Hoje são pessoas todas que têm cargo público, né, dentro da Prefeitura. Tinha... tinha algumas pessoas bem intencionadas, mas tinha outras que já eram políticas de carreira, e eu, com essa história de ser uma universitária, de... oriunda de favela, achando que o meu conhecimento fazia parte de uma história romântica, queria me juntar com essas pessoas pra poder ter possibilidade de estar trabalhando o que eu havia começado lá na Mangueira. Porque eu percebi o seguinte: o meu conhecimento não era só pra mudar a Mangueira, era pra mudar qualquer favela. E, agora, que eu estava morando num conjunto habitacional, que eu via ali toda uma teoria que se falava na aula de Geografia Urbana, que era a formação de favelas a partir de estagnação de conjuntos habitacionais. Isso era... para mim era fascinante. E eu comecei a trabalhar com pesquisa sobre violência também, na faculdade, né, porque eu estava na transição: saindo da Geologia e indo para a Geografia, assistindo algumas disciplinas. E era fascinante pra mim, tentar entender como é que... perceber que eu estava morando numa outra favela urbanizada – com toda infra-estrutura, bonitinha, as ruas pavimentadas – que era totalmente diferente da Mangueira, que era um morro, com beco, esgoto, que tinha um manobreiro da água, que a gente tinha que estar se juntando no fim-de-semana pra abrir esgoto, pra fazer mutirão. Ali não tinha isso, mas também não tinha identidade, as pessoas não se protegiam. E aí, o que é que eu fiz? Comecei a querer pensar: “Como é que pode? O que é que... o que é que a gente poderia fazer pra estar mobilizando o pessoal – junto com... com aquele grupo que estava nas associações de moradores – para criar uma identidade pra a gente ver essa situação da refinaria, que eu não conseguia entender como é que se fazia conjunto habitacional do lado da refinaria? Como é que a gente poderia fazer pra... para as escolas dali terem qualidade e acesso, porque só tinha escola de 1ª à 4ª série?! Todo mundo fumava maconha, as pessoas viviam pedindo... Gleide deve lembrar desse início, assim, as pessoas não tinham trabalho, aquelas crianças ‘tudo’ nadando ali no rio, ali na beira do rio, ficava... os... as pessoas ‘tudo’ sentada fumando maconha dia e noite. E eu era muito moralista com isso: família. A minha família tinha problemas. Eu achava que o pai e a mãe podiam fumar maconha, mas não junto com os filhos, e ali isso era comum. Então, o que era que tinha naquela comunidade que era diferente das outras, principalmente da Mangueira, que eu tinha mais identidade? Eu morei na Maré, eu trabalhei com outras. Aí comecei a... a minha angústia: o que é que o meu conhecimento acadêmico, que eu disse que ia servir pra mudar a realidade, poderia servir pra eu entender essa realidade que eu estava vivendo aqui em Manguinhos, e como é que eu poderia contribuir?! E esse processo foi indo. Isso foi já em 95. Aí vem a minha história de pesquisa de violência. A minha pesquisa de violência, por isso hoje eu sou mais melindrada com isso... Eu comecei a descobrir, como tinha fácil acesso a essas informações, comecei a fazer as entrevistas, e isso tudo eu voltada para a pesquisa acadêmica, né, que eu fazia uma pesquisa sobre a interferência do tráfico nos processos de ordem e desordem junto às associações de moradores. E eu já tinha visitado outras favelas tentando confirmar, e como eu já disse na outra parte da entrevista. E estou e continuo estudando, e mil dificuldades, meu filho crescendo, Diogo já com 3, 5 anos. Aí

vem esse processo todo, eu começo a ficar chamada... sendo visada como X-9, e como X-9 eu tive que ir pra Brasília. Aí eu transferi esse meu conhecimento, que era mais geotécnico, né, utilizar mais a coisa da infra-estrutura física da mudança pra entender as transformações sociais, passou muito mais por uma questão de Educação. Eu comecei a pensar que, talvez, a situação de Manguinhos estivesse muito relacionada com a baixa escolaridade e com índice muito alto de miséria, muita gente desempregada, ociosa, muito jovem com uma cultura de “vou me dar bem”. A... o... a lei maior aqui era o tráfico, e as mães, os familiares, muito próximos dessa realidade. A miséria era tão grande que comer passava pelo trabalho do tráfico. Aí eu comecei a entender, e com essa... e conversando com os meus colegas lá da... na UERJ, que eu tinha mais convívio com o pessoal da UERJ – nessa época eu também pesquisava com a (Inaudível) pobreza e Educação – o... um comandante da polícia falou comigo o seguinte: “O tráfico não é mais uma... não é mais visto tanto como alguma coisa ruim. O cara que trabalha na (Inaudível), ele é um trabalhador. O tráfico já é visto como uma economia, e esse cara já é um trabalhador que está sobrevivendo, tá gerando sua renda, e criando a sua família a partir dessa economia.” Eu falei... eu comecei a pensar: “E aí?” Isso foi acendendo, né, despertando a minha curiosidade. E eu fui seguindo nessa pesquisa, cada vez indo... indo entrevistar os jovens, indo entrevistar os bandidos para entender: o que queria dizer X-9; qual era essa relação, se o tráfico, o tráfico realmente interferia na economia local; se ele, realmente, ditava as normas das associações de moradores. Isso, na verdade, é... essa diferença tão brusca entre Manguinhos e Mangueira se... é... estava ligada à história que a Mangueira tinha e que Manguinhos não tinha. Manguinhos não tinha nada que destacasse, tinha a Fundação Oswaldo Cruz, mas a Fundação Oswaldo Cruz, pelo menos na minha concepção, não tinha uma relação de desenvolvimento como hoje há a tentativa com a comunidade do em torno, com as pessoas, a não ser os serviços, né, do centro de Saúde, assim mesmo, até hoje tem muitas queixas com relação aos serviços do centro de Saúde, né, se reclama muito porque não... é um serviço que não atende. E agora eu percebo que em algumas coisas eu tinha razão nas minhas observações. Conversando com a Gleide, as escolas aqui vão de 1ª à 4ª série. Aí eu comecei a constatar... É uma pena que hoje eu não me sinta tão interessada nessa parte da pesquisa porque eu percebi que o meu conhecimento me tornou muito solitária, me tornou solitária. Como é que se comporta um universitário que pensa em fazer o doutorado, numa realidade onde a maioria das pessoas não tem... tem muito mal a 4ª série, e, se tem a 4ª série, mal lê? Você vai se isolando, ou, então, você vai... Hoje eu me... hoje não mais, que agora tenho mais alguma... mais algumas companhias, né, não sou mais tão solitária. Tem a Gleide, que a gente discute, tem a Consul, que está avançando pra caramba, né, não é mais uma... é uma bebê gigante que já tem um... um posicionamento crítico, então eu posso curtir minhas angústias com elas. Mas a minha família é de uma origem analfabeta. Na favela a gente entende, a gente aprende que mulher tem que casar, cuidar bem da casa, e, se for bonita e não quiser casar, tem que ser esperta pra descolar uma grana, seja com bandido, seja com a polícia, seja com o otário, seja com algum um comerciante, e eu achava que eu ia estudar pra não fazer nada disso. Eu queria namorar, claro, eu adoro namorar, mas eu queria ser dona dos meus atos. E eu acho... e eu acho que isso é concreto, o conhecimento, ele serve pra isso, pra aprender, pra você organizar as suas coisas, pra você organizar o que você quer, criar objetivos e metas. Só que até hoje eu ainda me sinto muito solitária porque, se eu tento ir pra esquina, ou eu converso sobre a vida do vizinho, ou sobre o novo comando que está mandando em tal área, quem foi que foi preso, quem foi que morreu,

quem foi que matou, né, quais são as garotas que estão se relacionando com quem, ou eu vou embora. E, se eu tento conversar, eu tento discutir um pouco – eu tenho umas manias chatas – eu fico percebendo que eu fico tentando discutir a coerência do voto, a importância de... de cuidar bem, de cuidar bem de um filho, da higiene como prova de amor, da importância do planejamento, de você não ficar engravidando cada dia de um cara diferente, que isso interfere na educação, faz mal ao teu corpo, né? Mas elas me acham uma chata (*risos*), ainda duvidam se eu estudo mesmo na UFRJ, e se eu... se eu... Como é que eu fiz pra entrar? Essa é a pergunta. “Eu tô a fim de arrumar uma vaga. Meu... meu filho tá querendo fazer uma faculdade.” “Minha namorada...”

FS – É muito longe da realidade delas, né?

IM – É. Eles não acreditam que a gente estuda, faz vestibular, e passa, porque a realidade é de se dar bem, e isso é triste, né?

GG – O mais duro disso tudo é que a gente tem isso desde dentro de casa, dentro da família. A gente tem essa... essa dificuldade de deixar claro como é... como é que as coisas acontecem, como é que a gente consegue chegar nos espaços, desde dentro de casa, porque quem está convivendo com a gente, dormindo e acordando, não valoriza, não acredita, não investe no que a gente faz. E, se de dentro de casa não dá esse apoio pra gente, imagine de fora! De fora, realmente, pensam mil besteiras, entendeu? Então, é uma luta muito grande e a gente vai sofrendo esse isolamento mesmo. Nós já ficamos sem ter com quem falar, a gente vai ficando sem ter o que falar porque nossa linguagem se torna completamente estranha à linguagem local.

IM – E aí você vai tendo fugas modernas. Eu acho até que a minha passagem, a minha relação com a droga, passou por aí, você começa a querer estar junto, a se ficar mais solto. Eu sou uma pessoa fechada, embora eu pareça... eu sou uma pessoa fechada, sou autoritária, às vezes antipática, prepotente, não admito muito que me dêem ordens, e isso não foi a universidade que me deu, só acentuou um pouco mais, porque é fácil pra mim, ter a postura que eu tenho porque eu... a minha renda é diferente do pessoal, eu tenho uma renda melhor, eu tenho uma casa melhor, eu consigo perceber algumas entrelinhas o que a maioria não consegue, e isso não foi só a universidade, foi toda uma vivência, né, as viagens. Eu não conheço só a favela que eu nasci, eu conheço o município, várias partes do município, eu aventurei, eu saí do estado. Eu tive o privilégio agora de ir pra Europa. Eu... o meu ângulo, o meu parâmetro é maior, né? A gente conhece pessoas aí dentro que não... nascem, não vão a outras favelas. Agora, é muito cruel quando você tem todo um... tem sentimento de romantismo, de estudar pra mudar a realidade, de achar que vai ficar rico pra ter uma casa de parede, e ter momentos como eu vivi, do tráfico querendo que eu fizesse mapa, em 94. Eles iam todos os dias, sistematicamente, na minha casa porque eu precisava fazer mapa, e já que eu sabia, era da área de Geografia, que eu tinha que fazer mapas pra eles porque, na época, o Comando Vermelho estava querendo ter ascensão nas favelas. Então, se eu... A favela que eu conhecia, eles queriam que eu fizesse mapa pra facilitar a entrada deles. Então, até o meu conhecimento, que era romântico, pra mudar a realidade da favela, ia servir pra configurar e confirmar a minha história de vida. Quer dizer que eu tinha que ter um lado, e esse lado tinha que ser esse, conviver com isso. E isso foi me deixando solitária

e fechada. Eu comecei... Quando eu tirava uma nota alta, que eu queria chegar em casa e discutir, alegre, porque, pô, passei aquela barreira, eu tinha que me travar porque cada conhecimento que eu colocasse, ou era deboche, ou “você está contando história”, entendeu? “Essa garota é 171. Estuda lá, o quê! Deve fazer faxina lá!” Já ouvi isso várias vezes, né? Eu cheguei ao ponto do presidente da associação ir ao Fundão, dar o meu nome, porque a gente fazia documentos, né... Eu deixei a minha carteirinha porque eu tive que ser vice-presidente da Fazendinha, e ele está...

TF – Da Fazendinha?

IM – Da Fazendinha, é. A Fazendinha é uma rota do Comando Vermelho aqui na...

GG - ... na Grota.

IM - ... na Grota, né? É.

GG – No Complexo do Alemão.

IM – Eu tive que ser vice-presidente. Era um dos pactos da minha... da minha tentativa de estar trabalhando junto. Era... Eu tive que entrar como presidente do Nelson Mandela. Aí eu tive que entrar para ser vice-presidente da Associação da Fazendinha porque, ou estou dentro, ou estou fora. “Tá dentro?” Eu tive que dar essa prova de confiança porque eles achavam que eu era X-9, então eu tinha que estar mais junto. Eu tinha que provar que eu ‘tava junto, e com isso eu tive que fazer algumas coisas que, realmente, depois, me deu vontade de vomitar, mas eu tinha que fazer. É uma questão de... Aliás, quando a gente trabalha com pesquisa a gente fica meio curioso demais, e vaidoso, né? Você quer provar uma hipótese, você vai... Eu cheguei a ir até às últimas conseqüências, com pouco conhecimento e sem medir muito as conseqüências do que eu estava fazendo. Mas eu fiz e me deu um grande aprendizado. Eu, hoje, não tenho mais aquela leitura romântica. Eu não acredito em associação de moradores. Eu não acredito nessas pessoas que... antigamente eu chamava de “simpáticas”, depois que eu vi aquele filme “Senhor dos Anéis”, eu chamo de “preciosas”. São as pessoas que usam pessoas como a Gleide, que usam pessoas como eu há uns anos atrás, para se auto-beneficiar, e usam até o traficante, usam até o traficante, porque o traficante quer poder, mas ele não tem acesso institucional. A associação de moradores é uma instituição, e ela tem a relação... uma correlação com as outras instituições, e o presidente é o elo entre a comunidade, as instituições é o tráfico. E ele é o grande “precioso” porque ele quer ter todo esse poder pra ele. Então, isso é uma relação muito cruel. Isso ficou muito provado, muito claro pra mim. Talvez, eu acho que se eu voltasse pra essa pesquisa, hoje eu teria uma outra relação com o presidente da associação. Eu acho até que uma maneira de inibir, acho que uma maneira de inibir isso, seria a Prefeitura caracterizar a associação de moradores como um núcleo administrativo, determinar um salário onde eles tenham que apresentar relatório para receber a cada mês seu salário, e apresentar resultados, porque eles acabam ficando também expostos e apresentando resultados que não são os mais ideais para todos, e sim pra meia dúzia, que são os traficantes. Essa análise, eu acho que tem muito a ver com meu conhecimento acadêmico. Eu não sei se eu vou ser uma acadêmica, mas eu tenho muita vontade de fazer o

doutorado... Eu gosto de ler Milton Santos, eu acho que eu gosto que ninguém goste dele, né, porque ele não agradou todo mundo mesmo. Ele refletiu em cima de uma formação de Direito e de uma Geografia voltada para o desenvolvimento econômico. E não adianta a gente ficar dizendo que o desenvolvimento é só o desenvolvimento do indivíduo porque o indivíduo também precisa de desenvolvimento econômico. Esse desenvolvimento econômico do indivíduo vai gerar um desenvolvimento econômico da família desse indivíduo, que esse indivíduo, com essa sua família pode gerar outros desenvolvimentos. Aí a gente fica nessa falsa ilusão de que só a educação em si, por si, é que vai resolver o problema. Não vai. A gente vive dentro de pequenos sistemas, né, que se relacionam com vários fenômenos, pode-se dizer assim. E esses... dentro... dentre esses fenômenos, um que contribui muito pra violência, para as dificuldades que a gente vive em comunidade, é a ausência de informação, de educação, mais a baixa auto-estima, e a fome, que está relacionada diretamente com o poder aquisitivo. Eu gosto... eu gosto desse desafio de entender os livros do Milton Santos, mesmo que tendo que ler 10 livros em menos tempo, porque eu já não tenho mais tanto tempo, e sofrer, e passar a noite acordada, olhando pra o teto, e eu escutar a briga lá fora, o tiro, a galera fumando maconha, e a mulherada tomando cerveja, e... e entender que é isso, essa é a minha meta. Essa minha solidão é necessária porque, se eu quiser estar mais junto com eles, eu vou voltar a usar droga, eu vou voltar a ser uma pessoa que eu não quis ser há alguns anos atrás, entendeu? Eu queria mesmo, eu queria que... Eu tô agora com a maior ambição, junto com a Gleide, da gente formar esse núcleo de universitários, porque eu acho que tem mais solitários que nem eu. Só que essa coisa de... à medida em que a gente vai tomando conhecimento, a gente sair, eu tinha... eu tinha muito medo disso. Eu (*tosse*)... eu achava que... eu tinha medo de que, se eu saísse da favela, eu não... não fosse cumprir com a minha promessa. Aí eu descobri que, para eu cumprir com a minha promessa, primeiro, eu tenho que estar bem, e, para eu estar bem, primeiro, eu tenho que mudar dali, né, como você. Eu acho que ninguém queria morar ali! Quem é que quer morar do jeito que a gente mora, sem respeito, né? Ninguém quer morar ali. Todo mundo quer morar mesmo é num bom apartamento, numa boa casa, se possível, com piscina. Todo mundo quer ter uma sala, um quarto, um espaço, onde consiga ler seus livros e estudar. A minha maior ambição, hoje, é ter uma casa com um quarto onde eu consiga dormir de noite, sem medo, e um escritório onde eu possa mexer no computador, trabalhar minhas coisas, ter uma Internet, ter os meus livros pra ler, sem ninguém bater na minha porta de 10 em 10 minutos pra pedir uma xícara de açúcar, ou um remédio, ou chorar que o marido bateu, ou que o filho foi preso... Eu não agüento mais isso, sabe? Não é que eu não queira trabalhar mais com isso, mas eu preciso ter uma hora do dia em que eu não conviva com isso. E eu descobri que o... a universidade faz a gente ficar rica nesse sentido, o estudo em si, né, a progressão, porque você consegue definir isso sem culpa. Eu, hoje, eu já posso mudar. Eu tô terminando a faculdade, eu acho, agora eu tô indo a todas as aulas. Eu perdi o medo. Eu tive um bloqueio por 2 anos agora, porque eu entendi que quem fica bem na universidade e termina o doutorado é quem está condicionado a uma obediência acadêmica, e essa obediência acadêmica é falar o que o professor quer, na hora em que ele quer, sem contestação. E debate em sala de aula não existe. O professor fala, é verdade absoluta. Você lê os livros que ele mandou e responde na prova de acordo com aqueles autores, e aí você está bem. Se você questiona e tenta criar uma hipótese qualquer, pode ser entendida pela sua origem, e é assim que eu sou conhecida na universidade: desperdício de dinheiro público, defensora de traficante. E a Universidade tem uma

crueldade: até os 25 anos você pode vir a ser um contribuinte, um pesquisador. Então, investe-se nesse cara que chega na universidade com 17, que não é a gente, que não é a minha população, com certeza, e prepara ele para ser um pesquisador onde ele trabalha determinada área dentro de um todo. Ele nunca vê a pesquisa toda, ele vê fragmentos da pesquisa. O entendimento maior quem tem é o professor doutor, porque o mestrando também trabalha para o professor doutor, e todos trabalham para a Universidade. Qual é o resultado desse trabalho pra mudar as realidades dessa sociedade, principalmente, não sei se eu estou sendo corporativista, do público que mora na favela? É isso que me atrai na universidade. Eu queria conseguir sistematizar o meu conhecimento, queria conseguir suprir a minha ausência de leitura, porque, caramba, eu não falo Inglês, não falo Francês, não falo espanhol, não falo Alemão, e mal falo Português. A Universidade cita livros para a gente ler em Inglês, Francês, Espanhol, Alemão. O intercâmbio, o convênio, é com a Alemanha. E eu quero discutir a ocupação e a infra-estrutura e o espaço urbano de favelas. Mas eles querem discutir a... o plantio alternativo que tem na área rural lá na “paracumbeta da parafuseta”. E quando vêm discutir favela já é com... com tudo pré-definido, né, têm um prognóstico já definido. Eu... Semana passada eu tive um problema na aula de Educação Ambiental. A gente estava discutindo Magé, a ocupação de Magé – eu tenho informações de Magé pelo projeto do Laboratório Territorial – e eles estavam falando que Magé era... tinha o Rio Suruí, que eram águas limpas, não sei o quê, não sei o quê, fazendo toda uma colocação. A gente criou um grupo de debate onde a gente estava discutindo a população ribeirinha, aí a gente... eu estava colocando que já tem estudos que comprovam que as pessoas faveladas que moram na beira dos rios não são os maiores contribuintes de poluição, e sim as indústrias, porque não tem fiscalização e isso contribui muito para a poluição. A menina lá atrás falou imediatamente, na sala, que responsáveis pela poluição eram os favelados. Eu virei para trás e falei: “Olha, eu sou favelada, eu moro em favela, e posso te provar mil autores aqui que contradizem isso que você está dizendo, porque é mais fácil acusar quem não vai te ouvir, quem não tem voz.” E aí a professora gostou da discussão na sala e pediu pra eu promover o debate lá: o outro menino ser o empresário, eu ser a representante da comunidade, o outro ser o prefeito, pra gente elaborar um... uma temática de... de discussão pra elaborar um questionário pra ir a campo. Aí eu falei: “Caramba! Quer dizer que eu só me saio bem como representante de favela, né? Eu queria ter uma discussão mais científica em torno disso.” Aí... É o tempo todo isso, os professores... Eu percebo isso: quando eu faço uma pergunta na faculdade, na sala de aula, o professor finge que não ouve, quer dizer... o outro foi até... o outro teve a coragem de me dizer: “Você é um desperdício de dinheiro público, eu não vou perder meu tempo com você.” Porque eu estou na universidade há 9 anos. Eu faço uma matéria que eu gosto, eu faço isso, aí eu me inscrevo para a disciplina. Não tem nada a ver com o que eu quero fazer? Eu não vou mais, ou tranco. E isso, foram passando os anos, eu não percebi. O meu CR era alto... Nesse... Depois dessa relação de violência nessa pesquisa de violência que o professor... Tinha dois projetos: um ele apresentou para o CNPq e o outro ele apresentou pra gente. E, quando eu fui penalizada por isso, né, como X-9, eu fui ao CNPq, lá em Brasília, e apresentei todo o material que eu trabalhava para o CNPq, e eles constataram... eles constataram que o material que eu trabalhava era diferente do projeto que tinha lá. Então, o mestrando quase perdeu a bolsa, teve que provar por a + b o que ele estava fazendo, e o professor sofreu algumas penalidades, que eu não soube do desdobramento, eu não tive essa informação na época. E... aí passaram 3 anos em Brasília sob proteção do

Governo Federal. Eu fiquei bem, foi a época que eu andava de carro, morava num apartamento duplex, trabalhava no Senado, comia bem, era bom demais! Não tinha tiro, não tinha nada. Mas passaram 3 anos, eu tive que voltar. Eu não fiquei só em Brasília, eu fiquei em algumas cidades pequenas, estive em Minas... E, quando eu voltei, a universidade estava amarga. Os professores...

TF – Olha só, eu não entendi muito bem, desde a outra entrevista que eu não entendi muito bem. *Você tinha um* trabalho na faculdade, você tinha que (Inaudível) uma pesquisa, né, (Inaudível)...

IM – Isso.

TF - ... e esse trabalho repercutiu... sobre o teu... o teu... a tua vida propriamente, tua segurança, foi isso? Foi por isso que você foi pra Brasília?

IM – Foi, foi, por isso que eu fui pra Brasília. Não, é porque eu sou alérgica a isso. Eu fui pra Brasília. E eu não estava entendendo muito bem o que estava acontecendo. Por quê?

TF – Você foi levada por quem? Pelo Estado, o governo (Inaudível)?

IM – Pela reitoria, pela universidade, a Universidade Federal, a UFRJ.

TF – Você, o professor, e outro aluno, é isso?

IM – Não, só eu e o meu marido porque nós é que fazíamos as entrevistas com os bandidos na época. Nós íamos nos cativeiros, sei lá onde, nos buracos deles, fazer as entrevistas. Mas eu não... sinceramente, eu não via nada demais naquelas entrevistas. Eu só tive problemas quando eu... eu acho que eu relatei pra vocês na outra, no Chapéu Mangueira, eu só tive problemas aí. Mas eu achei também que foi uma crueldade o julgamento, mas eu também não tinha maturidade pra perceber isso. Eu estava começando na faculdade, eu estava deslumbrada com a faculdade. É... eu estava mudando de curso, um curso físico, técnico, que era Geologia, para Geografia, mais envolvida com a área humana, entender o espaço urbano, com um professor que seguia mais uma linha da Sociologia, né, de entrevistas, análise... E eu, assim... sinceramente, eu fiquei muito... é... surpresa quando eu cheguei, que eu descobri que o professor tinha se danado, tinha se prejudicado, o mestrando, e que eles estavam me odiando. Falei: “Poderiam ter ligado pra mim, em Brasília, pra perguntar como é que eu estava”, e que eu fiquei 3 anos longe do meu filho! Poderiam ter compreendido que eu não tinha um entendimento de pesquisa científica como eles tinham. Podiam ter entendido que eu entrei pra essa pesquisa porque eu acreditava que não existia relação entre a associação de moradores e o tráfico. Poderiam ter pensado uma porção de coisa, mas preferiram pensar que eu estava trabalhando em nome do tráfico, e que eu prejudiquei a pesquisa acadêmica porque eu era mesmo de favela e era parente do traficante, que eu não daria mesmo pra fazer outra coisa diferente. E é assim até hoje. Eu estou fazendo a última disciplina. Eu não tenho direito a perguntar nada na sala de aula. Os alunos que se aproximam, em geral recebem um comunicado pra tomar cuidado pra se relacionar comigo. Os mais rebeldes gostam de estar perto de mim, gostam de conversar... Engraçado que eu

nunca sentei no CA⁶ pra fumar maconha. Todos os meus colegas de pesquisa dos laboratórios fumam maconha o dia inteiro no CA. Agora, se eu fumar, vai ter peso. Eu leio todos os livros, ainda bem que eles registram na biblioteca, e o professor foi lá checar se eu tinha lido. Eu chego em casa às 10 horas, fico lendo, e é um sofrimento porque você pega dicionário, você quer entender, você não tem aquele conceito! (pausa no discurso).

TF – Quer parar? (pausa na gravação) Vamos lá?

IM – Bom...

TF – Vamos lá, Isabel, vamos.

IM – Isso.

TF – Quer (Inaudível)?

IM – Vamos. Então... com relação à minha vida acadêmica, quer dizer, à minha vida entre favelados e a universitária, é isso. Eu vou atingir... Eu fiz os meus planos de chegar ao doutorado até os 56 anos, e... eu tenho, com certeza, metido os pés pelas mãos quando eu abandono, né. Não é uma atitude política, não é uma atitude coerente, inteligente, porque a universidade tem regras: com 3 reprovações seguidas numa mesma matéria você é jubilado. Mas eles estão tão coniventes com a minha situação que ninguém me dá aviso nenhum, me manda nenhum... documento dizendo que eu vou ser jubilada, e eu estou indo, eu estou indo, talvez seja porque a diretora do Instituto é minha fã, né? Que, no meio desse emaranhado todo, a diretora do Instituto, ela tem uma posição política de fechar com eles, mas ela tem uma posição pessoal de me proteger. Ela me chama e avisa, e eu olho pra ela e agradeço, continuo. Agora, essa solidão de... de conhecimento, de busca de conhecimento... (interrupção na fita)

Fita 3 - Lado B

IM – Mas, essa solidão eu acho que não é só minha, sabe, eu acho que outras pessoas mais vivem. E, na medida em que a gente vai trabalhando, vai esgotando isso, a gente vai destruindo também essa coisa de vítima, né, porque senão a gente perde muito tempo assim: eu me sinto solitária, a universidade e esses professores filhos da mãe estão me sacaneando... Eu acho que uma lição que eu aprendi na Universidade é que eu aprendi a estudar sozinha. Eu só não consigo... Mas eu gostaria de dividir, ter um grupo de estudo quando eu comecei, pra contrapor opiniões, né? É pra isso que servem os congressos, né? Os mini-congressos são as salas de estudo na biblioteca, e eu gostaria de ter isso na comunidade. Já pensou se a gente tivesse um grupo de estudo acadêmico dentro da Universidade... da... dentro da favela, onde a gente pudesse estar discutindo, fazendo

⁶ Centro Acadêmico.

diagnósticos, por tema, sei lá, por área de interesses de identidade de cada um, onde a gente pudesse estar influenciando os outros? Isso aí é um sonho, né, isso é quase... (*risos*) isso é quase comunista-socialista, né, seria mudar uma realidade que está construída há quinhentos anos. Mas eu acredito que é possível pequenos núcleos, pequenos grupos. A gente já vê isso em alguns lugares, não com... com... um grupo grande, com resultados visíveis, palpáveis, porque, quando se mensura também... é... também essa coisa do... do social, do... Agora eu falei “social”, achei engraçado. Todos os líderes comunitários falam “o social”. O que é “o social”?

GG – Talvez, para eles seja o elevador que os leva a uma... Talvez, para eles seja um elevador que os leva a uma ascensão financeira e de poder local mais elevado.

IM – Eu tô... eu tô muito preocupada com isso porque eu vivo sendo chamada nas reuniões. Quando tem pessoas de fora: “A Isabel é uma pessoa séria que trabalha o social dentro da comunidade.” Eu não sei o que eu faço no social na comunidade. Eu coordeno um projeto de Educação de Ensino Médio e Fundamental que não atende nem a 100 pessoas, né? Eu tô trabalhando no Laboratório Territorial que acho, assim, de uma profunda ineficiência a minha contribuição, e ganho por isso, recebo pra trabalhar nos dois lugares. Eu tô desenvolvendo o meu social, entendeu, a minha... Eu estou melhorando a minha qualidade de vida. Eu não atingi o ponto de desenvolver o social da comunidade. Eu posso vir a fazer isso daqui a algum tempo. Agora, é engraçado que, há pouco tempo, quando eu não estou por perto: “Essa é a menina que se dá bem às custas da comunidade”, né? “Essa menina aí manda projeto para o exterior e se dá bem.” Mas eu não tenho carro, não tenho nada, eu queria me dar bem melhor. Eu... nesse Fórum de Educação, agora, eu estou meio preocupada é com isso: quais são... quais são as... as...

TF – O Fórum de Educação? Explica pra gente o que é.

IM – Ah, o Fórum de Educação, teve o primeiro em abril de 2002. Nesse Fórum de Educação a gente estava dividido por temáticas a partir da Oficina de Desenvolvimento... Oficina de Desenvolvimento Social. Teve um desdobramento e fizeram alguns grupos. E eu estava... eu, Leonide, um grupo grande, estava praticamente em todos os grupos temáticos, mas o grupo que eu mais me identifiquei foi Educação, Saúde e Meio Ambiente. E a gente fez o 1º Encontro da Educação que queremos pra Manguinhos, que foi em abril de 2002, no CIEP JK. E a nossa decepção foi porque a gente chamou os profissionais de Educação da área e fez a reunião dentro de uma escola, e a diretora da escola foi trabalhar no horário do fórum. Então, esse ano a gente está fazendo o 2º Encontro de Educação, em Manguinhos. Aí, nesse, está mais diretamente organizando: eu, Gleide, Consuelo. E eticamente tá a Escola Politécnica, a Escola Nacional de Saúde Pública Jorge Arouca, né?

GG – Não, Sérgio Arouca. (Inaudível)...

IM – Por que eu fiquei com Jorge agora na boca? (*tosse*) Jorge Arouca e...

GG – Sérgio Arouca.

IM – ... Sérgio Arouca e o Laboratório Territorial, né? Isso. Enfim, a Fundação Oswaldo Cruz e a rede CCAP...

GG – (*falam ao mesmo tempo*)...

IM - ... estão... estão realizando. E na organização está o Laboratório Territorial, está... está o PEJA, está a ENSP e está a Escola Politécnica, porque a gente pensa em discutir, agora, nesse 2º Encontro – tá até aí pra ela ter uma idéia – nesse 2º Encontro a gente pensa em discutir as responsabilidades do Município, do Estado, e do... da sociedade civil, e do Governo Federal com... é... o índice de escolaridade na área, a infra-estrutura, e quais são os diagnósticos que a gente pode estar construindo pra prever a melhoria da qualidade de ensino e dos profissionais de ensino aqui na região de Manguinhos. A gente está com problemas para delimitar se a gente trabalha com o Complexo de Manguinhos, ou com a rede de atendimento à população de Manguinhos, porque a gente tem duas escolas de 4ª série desse lado, duas escolas de 4ª série do outro lado, e algumas escolas do outro lado da rua, na Democráticos, já atingem a área de Higienópolis. (*tosse*) Mas a gente tem pessoas de Manguinhos que estudam pra tudo quanto é lado. Então, o que a gente faz? Trabalha com a realidade do Complexo ou de atendimento? Eu acho que vai ficar mais fácil, dentro da... do princípio de desenvolvimento local do Complexo de Manguinhos, a gente trabalhar com a infra-estrutura que está dentro de Manguinhos, e convidar essas pessoas pra discutir, pra participar da discussão. Acho que vai ter que ser assim, senão a gente vai abrindo o leque, aí perde a... o... a sistematização da... da coisa e não vai adiante. E uma das coisas que eu aprendi na universidade é isso, né, você tem que sistematizar (*risos*), sistematizar o tempo todo, e tem que saber como, como buscar: quais são as ferramentas que você tem, e o que é que você quer fazer, e quais são as possibilidades de desdobramentos, nunca de resultados, né, porque o resultado se fecha, e a pesquisa, a busca da melhoria...

TF – Mas esse fórum é para discutir a questão da Educação em Manguinhos?

IM – Educação em Manguinhos, da... da infância pequena até a universidade.

TF – Com os moradores?

IM – Com os moradores, os profissionais de Educação...

GG - ... as instituições...

IM – ... é, as instituições públicas (Inaudível).

TF – Mas quem está chamando, é a... é a Fundação? (Inaudível)?

IM – Bom, todo mundo tá chamando, mas quem tá chamando é: eu, a Gleide e a Consuelo, entendeu?

TF – Não, não, mas quem é que tá...

IM – Nós que estamos...

TF - ... quem que... qual a instituição que está (Inaudível)?

IM – Nós, nós, nós.

TF – Fiocruz? Nós, Fiocruz, ou nós, moradores?

IM – A Fiocruz e a rede CCAP, melhor assim. É, é, a gente... É questão ética, a Fiocruz e a rede CCAP, nós, né?

IM – Falta a ENSP. Não, realização, organização, organização. Aí, a gente tá tentando... Isso é uma das... Por quê? A gente precisa reativar o fórum, a gente precisa reativar o fórum. A gente viveu... é... um período pleno de discussão organizando as... a sociedade civil – a gente bate o pé com isso – dentro das temáticas. Eram 72 membros nesse fórum, com a comissão executiva de 16 pessoas. E a gente fazia reuniões periódicas por tema. A gente trabalhava o tema de Educação, Saúde e Meio Ambiente, trabalho e renda... e habitação, não é isso? É isso. E aí, vários... várias discussões a gente fazia e, quando chegava na hora do parceiro institucional, as coisas se paravam, e as pessoas foram ficando desestimuladas. E, como a gente agora tá tendo uma relação bem mais forte com a Fundação, conta com a infra-estrutura da Fundação Oswaldo Cruz, conta com a boa vontade de alguns profissionais, né, em especial, muito mais a Fátima – que deixa a gente fazer uma bagunça dentro daquela sala, né, a gente usa tudo e faz os cartazes, e discute, e pensa – a gente tá tentando puxar o bloco da Educação e Meio Ambiente. É esse... o... A gente definiu uma área de atuação. A gente vai trabalhar com isso, vai buscar... puxar discussões com o objetivo de fazer um diagnóstico, e, a partir desse diagnóstico, estar trabalhando um prognóstico, e influenciar no planejamento urbanístico da área, na área de Educação, a área de Educação, e pensar que a questão do Ambiente que...

TF – Aí vai a Prefeitura também, alguma coisa assim? (Inaudível)?

IM – Vão todos, vai até o representante de Brasília, quer dizer, nós vamos convidar, se eles virão é uma outra história, nós estávamos convidando todos. Porque eu descobri que o que... Qual é a relação disso com o que eu estava falando da universidade? Eu descobri o seguinte: o que me... me acompanhou a vida inteira foi uma história de privilégio. É... eu sempre fui a melhor aluna da sala até o 2º Grau. Eu nunca tive dificuldade pra estudar, e também nunca tive incentivo da família. Então, o que é que faz com que você se motive a fazer determinada coisa? Eu... eu não consigo ser darwinista, mas também não consigo... não digo que o homem é fruto do meio, que filho de peixe peixinho é, porque, senão, não seria... não seria como eu sou hoje. Eu estou tentando trabalhar nessas situações, assim, muito do que é que... Eu me pergunto sempre: “O que é que me motivou a ir pra Universidade? Foi só querer ficar rica?” Não. Foi um pouco da construção de tudo que eu vivi. Eu fui uma privilegiada. Na Funabem eu tive uma moça que me incentivava a ler, que me protegia, que me fazia carinhos, e pra gente é fundamental o toque, né, o carinho. No... na 4ª série primária eu conheci uma professora comunista que percebeu que eu era boa com discussão política, e me levava pra casa dela, me motivava, me motivava a estudar. Na

adolescência eu ia pra casa da... da dona Ceres, que era uma pessoa de extrema esquerda, que era promotora, que a minha tia era empregada na casa dela, então eu tinha... sempre participei das discussões. Então, eu sempre tive outros alimentos que não eram o da favela, como rotina. Não estou querendo nem avaliar se é bom ou ruim, é uma rotina ociosa, sem uma... uma amplitude muito grande, né? Então, eu, nessa história, eu... eu me considero hoje uma privilegiada porque eu tive o critério de escolher, eu tive essa vantagem. Eu podia... eu podia escolher se eu ia ficar e ter filhos, e... ou se eu ia aventurar. E, como eu escolhi aventurar, eu paguei o preço sim: eu fico solitária e tal. Mas eu posso pensar e discernir, eu posso buscar alternativas, eu posso pensar coisas. E o projeto de Educação que eu estou trabalhando na rede CCAP, lá, o PEJA, eu não sei muito bem aonde vai os meus limites de conhecimento e minha experiência de vida, mas está dando certo. E pensar em Educação agora, a gente discute, né, fica discutindo (Inaudível) o paulofreiriana. Eu não sou, eu sou piagetiana. Mas eu gosto da... do que o Paulo Freire fala, de educar pra liberdade. O meu conflito é: qual a liberdade? Qual a liberdade que a gente quer que o outro alcance? Quais são os parâmetros de liberdade que cada grupo tem? O que... Qual é o... O que o educador tá dizendo com a liberdade? A dela eu conheço, eu sei o que ela está dizendo quando ela está trabalhando, mas, e o do outro, e o do outro, e o do outro? E como isso se dá num grupo? É isso que eu tenho pensado dentro da Educação. A minha experiência não é a única verdade, mas é o que eu sei fazer. Agora, juntando com mais pessoas que também fazem, e que têm leitura diversificada, talvez a gente consiga estar mobilizando, seduzindo essa população jovem da região de Manguinhos pra eles estarem dizendo que tipo de Educação eles querem ter, porque todo mundo não tem que ir pra universidade, não é todo mundo que tem que ser técnico, profissional... Que... onde ficaria a... pra varrer a rua, sei lá? As pessoas têm que ter a opção de escolher se querem ser alguma coisa ou outra. E é isso que eu queria discutir um pouco na Educação. E o fórum permanente é quase que uma maneira de a gente estar se juntando pra cobrar da pessoa jurídica, que é o Estado, e as suas instâncias, seus representantes, para eles capacitarem, darem infra-estrutura ao local, pra essas pessoas terem condição de escolher porque até agora não tiveram, não tiveram. Parece que há um histórico aqui, na região de Manguinhos, de que as pessoas têm que estudar até a 4ª série. Em 1950 inaugurou as escolas de 1ª à 4ª série. Em 1992 inauguraram mais duas de 1ª à 4ª série. Onde está a de 5ª à 8ª? Onde estão as escolas de 5ª à 8ª, 2º Grau? São para quem? E tem um detalhe: as escolas de 2º Grau que tem aqui na região, elas não atendem, elas não atendem à população de Manguinhos, ou melhor, a população de Manguinhos não procura. Agora, lá no (Inaudível)...

TF – Quem é que vem para as escolas?

IM – O pessoal do Méier, Jacarepaguá tem alguns, essa região da Zona Norte.

TF – Por quê?

IM – Porque são escolas que têm vaga.

TF – Não, mas por que Manguinhos não... Não tem demanda?

IM – Não sei, a gente está discutindo isso, né, não tem demanda.

GG – A gente tá tentando descobrir se a questão é: se não tem demanda, ou, se, de repente, por... Porque ficou mais ou menos institucionalizado que o pessoal de Manguinhos só gosta de ir até a 4ª porque só tem escola até a 4ª. Tem (Inaudível)...

IM – E o índice de analfabeto é muito grande, né, Gleide?

GG – É, tem duas escolas de 5ª à 8ª. Então, as outras são todas mais distantes. Aí, a gente junta a situação econômica local, a gente junta a situação de violência gerada exatamente pela situação econômica local: não existe muito estímulo pra um jovem, um adolescente, né, uma criança de 13-14 anos, que estaria aí na... entre 5ª e 8ª, continuar estudando quando a escola é longe!

IM – 13-14 anos está terminando a 8ª série.

GG – É, mas aí você... aí você leva em conta as repetências, né? Você pega aí as repetências, você vê que aqui não é isso, deveria, mas não é, né? Então, o que acontece? Fica... fica desestimulante uma... fica difícil manter... estimular uma criança, uma família a manter essa criança entre 13-14-15 anos estudando com um custo maior, numa escola mais distante, com uma situação de violência que lhe prende aqui. Se, pelo menos, as escolas daqui dessem de 5ª à 8ª, a gente eliminaria essa desculpa, mas não tem! E aí, o que acontece? Tem vaga, sobra vaga pra um monte de (Inaudível)...

IM – Aí, o pessoal que...

GG - ... que vem de fora...

IM - ... o pessoal que tá sem vaga vem pra cá e ocupa. E... eu vi... eu vi, período passado, no... em 2004-1, trinta e três evasões na minha turma de Ensino Fundamental. Aí eu fiz uma reunião com os alunos e comecei a visitar esses alunos pra saber o que estava acontecendo. Eles saíram porque não gostaram da professora de Português, e aprenderam a não reclamar: “Ah, não, professor...” Foram embora, e foram. Aí foram pra o projeto da Prefeitura. Aí fizeram comparações do projeto lá com o projeto da Prefeitura: não gostaram, não estão estudando em lugar nenhum. Aí, eu estou agora num processo de... sedução pra que eles voltem. Porque eu estava me perguntando: “Que cachaça é essa, hein? Por que é que você tem que sair da sua casa pra ir... tipo, evangelizar o outro, que o outro tem que estudar? O que leva você a achar que você tem que... decidir o que é melhor pra o outro? Será? Qual a diferença do que a gente faz pra um cara que fica o dia inteiro com a bíblia na mão, evangelizando na boca de fumo, evangelizando na Central do Brasil, no Largo da Carioca? Não tem diferença! Você está definindo a vida do outro agora. Agora, não sei fazer outra coisa, eu acho que isso é importante, entendeu, eu acho. Eu tenho alunos...

TF – Você tem que dar resposta?

IM – (risos) É. Eu acho que isso é importante. O... Eu tenho alunos de vinte e poucos anos que estão fora da escola pelo há menos 11 anos. São alunos que mal terminaram a 4ª série

porque... né, foram... Porque eles vão até a 3ª bem, né, é a partir da 4ª que começa o problema. E eu fico vendo, eu tento trabalhar o tempo todo em cima das dificuldades que eu não tive, ou que eu tive. O maior baque que eu tive na minha vida foi na minha primeira nota acadêmica: eu tirei 2,8 em Cálculo I. Não consegui responder uma questão na prova porque não sabia o que era eólica! E o professor dizia... Aquele professor foi um sonho na minha vida: “Isabel, você ainda vai dar muito trabalho. Você tem todo o tempo do mundo pra aprender”. Isso na Geologia. Aí eu percebi que esse... esse meu lado de Geopolítica, as dificuldades de estar na... na faculdade o dia inteiro... A Geologia é um curso integral que você tem que dobrar a noite estudando. Imagina pra quem estudou nas escolas públicas, que não fez Cálculo, que não ‘tive’ aula de Geografia...

GG – (Inaudível).

IM – Levei... não, levei porrada! Eu tenho um histórico do 2º Grau que eu tenho 7,5 em Geografia. Tenho Física, Química, que eu nunca estudei! Nunca tive uma aula de Física no 2º Grau! De Química? Tinha aula de vôlei, secretariado, aprender como sentar, qual a roupa... qual a saia que tinha que combinar com a blusa porque uma secretária eficiente, ela começa não sabendo cruzar as pernas, né? Quando eu cheguei na faculdade eu levei um susto, eu falei: “O que é que esse cara está falando?” Chegava na aula de Cálculo, e eu tenho... sou igual a você: me dá um sono desgraçado se eu não estiver entendendo uma coisa, aí dormia na aula de Cálculo. Na aula de Química eu não agüentava, eu ia embora namorar, eu ia embora. Eu estava começando a minha relação com o meu... com o rapaz que eu morei 5 anos, e eu ia para o corredor namorar. Aí foi... Eu estudava na Rural. Quando eu cheguei na UFRJ eu comecei a me misturar com o pessoal da Geografia, falei: “É nessa que eu vou. Eu quero é discutir política no CA, eu quero fazer movimento...” E fui embora, me matriculei em algumas matérias, e... percebi. Aí, aí eu passei em Cálculo I, passei em Cálculo II, passei em Física I, passei em Química Geral, e bem, e bem, mas no 1º ano eu levei bomba em tudo, eu não passei em nenhuma disciplina, 1º ano, 1º período. E ainda ficava dando ‘mamá’ ao meu filho, assistindo a aula dando ‘mamá’, né, o que eu deixo hoje as alunas fazerem. Os professores reclamam que atrapalha a aula porque uma leva o chocalho e a outra leva um negocinho assim, a outra tá lá, andando no carrinho, e o professor tá dando aula, e todas as mães levam seus filhos porque têm que ir para a aula, têm que ir. Eu falo: “Traz as crianças.” E os professores ficam olhando – eu não estou conseguindo me concentrar – porque a criança faz barulho. Eu falei: “Olha, essa é a nossa realidade. Eu acho importante que eles estejam estudando, eles querem estar estudando. As crianças vão estar aqui. A gente tem que arrumar é forma alternativa de conviver com isso.” O que eu estou tentando fazer agora é um espaço pra... pra o lazer das crianças. E a secretária é pedagoga lá, ela gosta, já trabalhou em creche, ela vai distrair as crianças. Porque isso também é uma maneira da gente acreditar que você tem que estar mostrando pra o outro a importância do conhecimento pra ele mudar a realidade da vida dele, né? Porque eu fico olhando muito a das crianças. Às vezes, têm uma péssima higiene porque a mãe não tem conhecimento, informação daquele procedimento. Água filtrada. Minha mãe não me ensinou a tomar água filtrada, aliás, lá em casa nunca teve filtro. Eu nunca dei água sem filtrar pra o meu filho. Eu estou sem filtro agora. Eu ferve de manhã um panelão d’água, deixo esfriando, chego à tarde, encho as garrafas. Quem foi que me ensinou isso? Foi lendo nas aulas de Ciências, foi nas pesquisas de leitura. Também aprendi muita coisa

quando fiquei grávida, naqueles cursos que tem pra gestante na... nos hospitais públicos, é... neo-natal, pré-natal...

GG – Pré-natal.

IM – Pré-natal, pré-natal. Depois, o acompanhamento. Elas nem sabem o que é Puericultura e têm pelo menos 4 filhos! Isso quer dizer que as crianças nunca foram ao médico, a não ser pra sair em situação de emergência...

GG – E vacina.

IM - ... uma gripe... É, vacina, vai lá... Tem umas que tomam nas campanhas, né, porque quando saem já saem com BCG, não é isso, quando saem do hospital. Agora, pra garantir, já saem com o teste do pezinho... é... que eu tô resfriada aí sai “penzinho”... Aí, o... eu fiquei olhando... Por isso que eu quero que elas estejam na escola, a gente mata vários coelhos. Se você souber trabalhar bem o conhecimento dentro da sala de aula você inibe a morte das crianças, as doenças, principalmente por falta de higiene. Essa moda desgraçada de fralda descartável, agora vem o verão, as crianças ficam ‘tudo’ com a bunda em carne viva (*tosse*). A importância de enxaguar uma roupa bem, de botar essas leguminosas, essas coisas cruas, de molho no vinagre, não é só para jogar assim, debaixo da bica, né, igual eles fazem. A importância de uma água limpa, do banho. Quantos banhos uma criança... Até isso eu aprendi: quantos banhos uma criança deve tomar no verão pra não dar problema na pele. Tratar da higiene do ouvidinho, essas coisas todas, que você vê crianças com a orelha quase caindo. Aí, você fala, eles falam: “Que mulher chata, tá me evangelizando. Vá embora!” Se ela começar a ler e correlacionar coisas, com certeza eu acho que ela vai facilitar, esse conhecimento vai servir. E eu não sei se, talvez, se eu não tivesse ido pra universidade, se eu teria essa facilidade de pensar rápido. Na Universidade você pensa o tempo todo, o tempo todo, o tempo todo, então, você acaba ficando antenada, né, que é diferente de você ler um livro uma vez ou outra, ler um romance, ver alguma situação no jornal, né? A mídia, ela é direcionada, ela tem um objetivo por trás do que ela passa, e você também só consegue perceber isso também com algum conhecimento. A sala de aula, ela... A gente tenta fazer isso no PEJA. A Gleide já foi ao Sarau, né? Há troca de informações. O que o professor de Matemática tem em comum com o professor de Ciências, com o professor de História? O que esse conhecimento serve para a vida prática, que vai melhorar a qualidade de vida, e preservar as vidas? É o lema, né, direitos humanos, né? Quando eu vejo... Eu fico muito triste quando eu vejo uma mãe com 30 anos com um filho de 14 na “boca”. Isso tem tudo uma... tem toda uma imagem por trás disso. Eu fico muito triste quando a gente vê uma garota de 17 anos que já passou, pelo menos, por duas ‘viuvez’, né, e que...

GG - ... e vários abortos.

IM - ... e que não... e que tem inibição de vir a Bonsucesso, ao banco, porque não sabe enfiar o cartão eletrônico, porque também não sabe ler. Eu já vivo isso, né? Elas vão lá em casa me perguntar, escrever cartas. A chefona, a mulher do Sandro, a primeira vez que foi ao banco eu tive que ir com ela para ensinar ela a usar o cartão magnético. Tanto enchi o

saco dela que ela está no 2º período da Faculdade de Direito. Pelo menos ela vai defender o marido, né, (*risos*) que é uma pessoa super sagaz, ela tem toda uma vivência que eu não tenho, mas ela poderia estar estudando, e está, e tá gostando. Você não vê ela mais dentro da favela. É uma mulher linda, rosto de mulata, né, mas que não sabia usar um cartão eletrônico. E tinha van, moto, carro esporte, a Vânia, aquelas casas fantásticas ali que são dela, são dela e ela...

TF – Me diz aqui o seguinte: você, acabando a faculdade, você tem seu sonho todo, (Inaudível), e agora você ‘tá acabando a faculdade?

IM – Tô...

TF – O que é que você está planejando (Inaudível)?

IM - ... embora eu não acredite em nada disso. Eu quero ir embora. Eu quero não morar mais na última rua. Eu não quero mais a polícia estourando a minha casa. Eu preciso ficar algumas horas longe da miséria. A miséria acaba colocando a gente miserável. Mas não é uma coisa pejorativa, de rancor, não, é um parto que dói, é um parto que dói. Eu tenho identidade, eu... me identifico com essa causa. E o meu maior medo é que esse afastamento me desvirtue da... do meu voto, porque, pra mim, isso é um voto. O padre faz um voto de não casar e eu fiz um voto que o meu conhecimento tem que servir pra isso. Mas eu preciso não mais viver assim, ninguém tem que viver assim. Mas eu não acredito mais que... Não é... Eu acredito que você vai fazer aquilo se estiver dentro de seu foco de interesse, entendeu? O que eu posso fazer, que esteja relacionado com a minha profissão de geógrafa e profissional de Educação, que não vá me onerar sacrifícios? Esse é o meu raciocínio hoje. E com quais... Quais são as pessoas que a gente possa estar fazendo isso e que a gente não tenha que se sacrificar a nível de passar necessidade pra fazer isso, e não tenha que se sujeitar pra fazer isso? Enfim, em suma, eu... eu entendi muito bem quando, a vez que você falou isso porque me deu um baque, aí eu falei: “É isso mesmo, é isso mesmo! Você não vai virar Madre Teresa de Calcutá, nem carola, você tem que agir de uma forma profissional, uma profissional com valores, mas uma profissional, uma profissional com sentimento de compaixão, mas uma profissional, não uma caridosa.” Porque você não pode fazer paternalismo, paternalismo não é profissional. A Igreja faz isso, né? A... Como é o nome daqueles grupos que saem de madrugada pra dar sopa pra os mendigos, mas não leva eles pra casa? Não tem um grupo que...

GG – Tem vários grupos.

IM - ... sai pra distribuir sopa? LBV, não sei o quê?

GG – Tem.

IM – Você entendeu? Você tem que dar consciência ao indivíduo pra ele não estar mais ali, pra você não ir todo ano pra servir sopa! Essa é minha intenção, e eu não preciso morar na favela pra isso, não, porque o meu filho não é cobaia. Meu filho tem 14 anos. Eu vejo a corda bamba em que ele vive. Eu não quero ir a um DEGASE buscar meu filho, não quero

ir visitar o meu filho no presídio, não quero ficar amargurada, com olheiras e triste, sem brilho nos olhos, porque não tive tempo de, pelo menos, salvar o meu filho, porque a época é outra. O que eu vivi de movimento com o tráfico, que me deixou seqüelas, mas não afetou direto a minha vida, o meu filho talvez não tenha tempo de viver, ele não pode. E, hoje, eu penso... Tanto é que meu filho estuda em escola particular, porque não dá tempo de fazer ele de cobaia. Eu não vou botar ele pra estudar no Maria de Cerqueira, sinto muito, nunca botei. Eu não vou botar ele pra estudar no Rui Barbosa, não vou, entendeu? Se eu estou projetando uma vida diferente pra ele, e eu tenho consciência que eu sou responsável por ele, eu sou a maior tutora, que tenho que me preocupar em educar ele pra ele ser livre, então, eu tenho que arriscar, e investir nele o que é que pode fazer com que ele seja realmente livre. E pra... pra ele ser livre ele tem que ter conhecimento suficiente pra maturar isso, pra decidir isso. Ele... a gente é tido como elite, né, a coisa da elite: “Essa menina estuda na UFRJ, ela morou em Brasília, ela viajou para o exterior, a casa dela é legal, ela não precisa estar aqui. Tá aqui porque ela está ganhando alguma vantagem.” E o meu filho acaba sendo cooptado por conta disso: as meninas paqueram ele, as pessoas tratam ele diferente, ele é tido como exemplo, e isso também gera outras coisas, gera outros tipos de cooptação. Os bandidos acham ele sagaz, todo mundo trata ele bem... E ele não tem idade pra decidir coisas, e eu fico muitas horas longe dele. Enquanto a gente pensa que tá promovendo desenvolvimento social, que tá trabalhando pelo coletivo, a gente esquece o bem mais coletivo da gente, que é o filho da gente. E, por conta disso, eu decidi: eu estou... eu estou ficando sem dinheiro todo mês, mas eu estou pagando um apartamento em Bonsucesso. Eu tenho consciência que tá próximo, mas já não está dentro, né? O movimento não é endógeno? Então, eu estou fazendo esse movimento endógeno, estou saindo de dentro pra poder observar o dentro. O meu filho tem 14 anos. A gente que trabalha com jovens sabe que dos 14 aos 17 é o perigo, a “boca” grita! Os tênis da Nike, os *shoppings*, a propaganda na televisão, tudo chama!

GG – As garotas.

IM – Ah, e a coisa do machismo da cultura local de que o homem banca, quem tiver bancando é que vai ter mais quantidade, né? A gente viveu isso, a gente também foi jovem, não fazer como minha mãe que vira imaculada, a gente viveu isso tudo. O meu maior medo é eu ter nadado tanto pra morrer na praia com o meu filho, porque a gente faz muitas coisas pensando no que é melhor pra o outro, né? E agora, pensando no que é melhor pra mim e pra ele, e muito mais pra ele, que eu acho que poderia envelhecer dentro da favela numa boa, me mudar pra Bonsucesso, fazer com que ele agora faça uma prova pra ele passar pra um 2º Grau público, federal, que ainda garante uma qualidade, pra ele... porque a particular, pra ensino médio não garante uma boa qualidade pra entrar na Universidade, a não ser que eu pague 800 reais por mês de escola. Aí são as federais, escolas federais públicas ainda se mantêm com a... com uma certa qualidade, principalmente a... a Escola de Aplicação, né, o CEFET, né? Essas escolas são... Os meus colegas de Universidade passaram por essas escolas: Pedro II, CEFET, Escola de Aplicação... Eu não encontro muitos que estudaram no Central do Brasil, no Clóvis Monteiro... Aliás, na minha turma não tem ninguém que passou por essas escolas, tem eu, tem eu que estudei no Central do Brasil, mas também foi na década de 70. Aí, eu quero garantir isso, e eu quero que o meu filho não tenha vergonha de dar o endereço dele. Eu fico muito constrangida quando o meu filho vem conversar

comigo, delicadamente, que está indo com um amigo para a casa da tia porque ele não pode ir lá em casa. Eu fico muito constrangida quando meu filho marca encontro com os colegas no *shopping* e desce em Bonsucesso pra... porque ninguém leva ele em casa porque é perigoso. Isso me constrange. Eu queria que o meu filho reunisse os coleguinhas lá na laje, né, ou lá na sala, pra tomar um suquinho, pra eu conhecer, porque a melhor maneira de monitorar é estar próximo. Eu queria isso, mas... Então, se não pode ser isso lá, vai ter que ser em outro lugar. Em nome da minha família, que é o meu filho, eu vou-me embora, mas eu tenho plena certeza que... eu vou trabalhar dentro desses parâmetros, com profissionalidade, que eu entendo da minha profissão, mas sem nenhuma neurose de “eu tenho que fazer, eu tenho que fazer”. Isso é o meu espelho de vida, eu vou fazer o possível, me respeitando, não permitindo que eu me agrida, me... (*interrupção na fita*).

Fita 4 - Lado A

TF – ...Isabel Cristina Ferreira Martins, fita número 4. Dia 22 de setembro de 2004. continuação.

IM – Com essa história de trabalho comunitário em Manguinhos, ela deixou muitas seqüelas. Eu gostava do meu... da minha visão romântica, eu gostava. Porque eu me lembro que eu ia pra casa da Gleide, ficava falando que eu queria trabalhar com educação, né, como eu ia me sentir e tal... e aí eu atingi isso. Aí eu descobri que quando você é muito sonhador, a gente assume uma característica de uso.

TF – Como assim? O que é que quer dizer?

IM – É a... a... Por exemplo, você entra num carro com mais quatro pessoas pra ir a uma festa, você deve conhecer o motorista, todos devem conhecer o motorista, mas todos não se conhecem. Então vai cada um com a sua bagagem dentro desse carro, né, e aí cria uma afinidade para aquele objetivo, pra ir àquele lugar comum. Mas e aí, quais são os sub-interesses, quer dizer, dessa saída no carro pra ir àquele lugar? Tá entendendo? Junta eu, Gleide, Piveta, você, Fábio, Consuelo, Inesita, pra trabalhar o laboratório territorial, nós não somos igual. Cada uma tá movida por um objetivo pra estar dentro desse trabalho, né? Eu não quero mais estar movida pelo objetivo de ser boazinha não, eu quero resultado profissional, eu quero crescer profissionalmente. Eu não posso chegar a doutor sem... eu não posso chegar ao doutorado sem colocar em prática o meu conhecimento. E eu não posso ficar fazendo caridade. Quem faz caridade é... os grupos religiosos. Eu quero entender o que é ser acadêmico. Que pra ser acadêmico aí tem que ser assim. É mais fácil pra mim trabalhar naquele plano. E eu senti isso, a Gleide tem vivido comigo o meu sofrimento. Uma coisa era eu ser a líder comunitária dentro do Fórum DLIS, aí encontro com a Piveta, a gente resolve trabalhar o território ambiente/identidade. Aí depois o bolo cresceu, o meu território ambiente/identidade virou um grupo. Aí de repente o negócio cresceu, falaram: “Você não faz mais parte desse grupo, agora o nome do grupo é “ambiente”. Você vai trabalhar mais com a Piveta lá na articulação, na representação da comunidade, não sei que, não sei o quê.” Aí eu falei: “Uma ova! Tudo bem, quer dizer,

Gleide acompanha.” Eu fiz uma pirraça, comecei a fazer outras coisas, chateada porque queria estar junto com os alunos porque estava preocupada com a idéia de que ia estar formando eles pra saírem do local, porque a formação era pra intervir no local – eu falo isso bem claro no vídeo, né, do laboratório – aí agora eu falei: “Ih, não, olha só, isso tem tudo a ver, voltou!” A gente tá trabalhando com os mapas, né, a gente tá trabalhando lá com os mapas, tentando entender, contribuir... E isso, isso eu posso fazer. Entendeu? Sem protecionismo, sem competição, sem vaidade. Agora também eu tenho que arcar com uma responsabilidade: a cobrança é profissional. Eu não sou mais a representante da comunidade, a Isabel é geógrafa e tem essa capacidade, tem que desempenhar essa atividade, tem essas tarefas e quer respeito também com relação a isso. É assim que eu tô me desenhando agora. Eu não quero mais ser a representante da comunidade. Isso já passou. Eu preciso romper com isso senão eu não vou ser técnica nunca. Aí vou lá pra reunião do Garotinho falar: “Seu governador, nós estamos aqui pra agradecer a cesta básica.”?! É... Ou: “Diretora da 4ª CRE dá pra arrumar uma vaga numa escola melhor pra o meu filho.”?! Não, eu quero ter direito a isso. Isso só profissionalmente que você pode construir isso, sabe?

TF – E você vê, Isabel, assim... você pega a tua perspectiva (Inaudível) as comunidades, de técnica, profissional e promovendo um tipo de mudança, né? Quer dizer, a situação das comunidades em torno, a gente sabe que são muito sérias, muito graves. Você acha que tem uma possibilidade de mudança?

IM – Mudança vai de...

TF – Como é que você ‘tá vendo essa história?

IM - Já mudou bastante. Já. São fases, né, são fases. Não é como um rio que desce, é como o mar: vai e volta. De... eu posso dizer pra você que da época de 93 que eu não conhecia, até quando eu retorno em 99, eu tinha uma visão. Quando a gente começa a trabalhar, Gleide tá no CCDC, tem aquele pega fogo na favelinha, aí toda essa mobilização do fórum... as coisas mudaram. Algumas partes das comunidades se apresentam melhores, outras partes estagnadas. Em geral, o que não muda muito a leitura histórica do desenvolvimento, a cada comunidade que melhora surge uma nova. Uma nova com todas as características naturais de pessoas desocupadas, desempregadas, alcoólicos ou migrantes de outras favelas, vítimas das diferenças do tráfico, né, mudança de comando... é isso. Eu, particularmente, acredito que esse processo de construção de consciência de identidade é muito longo, que eu talvez não consiga acompanhar isso, talvez eu não viva pra ver isso. Isso eu tô falando no sentido do indivíduo, né, porque a mudança física é fácil promover, mas fazer com que o indivíduo diga que tipo de mudança ele quer que faça é mais complicado. Esse método participativo que a gente tá tentando pensar através do desenvolvimento local, de uma percepção mais contemporânea de sociedade civil envolvendo a comunidade, os moradores de favela, isso é muito a longo prazo! E eu tenho consciência que a gente tem que estar trabalhando o tempo todo pra isso. Mas não há nenhuma garantia de que isso vá acontecer. Você pode pontuar umas ações ou outra, mas efetivamente que isso vai acontecer na íntegra, que é quase como andar 10 metros e encontrar mais 10 metros em cima do morro e ir andando, é como andar num deserto. Mas vai chegar num ponto que vai ter água, né? Vai acontecer o oásis. Isso é

pensar o desenvolvimento de uma área como essa. Como essa aqui no Rio, em qualquer lugar. Quando eu tive lá em (Inaudível) eu falei: “Isso é favela.” E tive numa divisão do muro onde as pessoas moravam nos vagões ocupados, aí eu falei: “Eu quero ir pra casa porque não tem nem banheiro!” Então, mas era uma situação de pessoas rebeldes que saíram de casa, que tinham uma vida alternativa, né, que queriam tomar banho no barril, que queriam fazer xixi no mato, que queriam viver de colher alimento. Que eles conseguem viajar três, quatro vezes para o Brasil. Foi assim que nós nos conhecemos, que é diferente do Mandela de Pedra. Agora, como é que a gente pode mudar essa realidade se a mídia, se a imprensa o tempo todo passa uma desinformação?! Que quem é mais esperto se dá bem mais rápido. Como? A primeira coisa que quando criam uma comunidade dessa é alguém se eleger presidente e por isso se dá bem rápido, né?

GG – Com certeza, e consegue!

IM – Então pra gente que tá trabalhando educação, valores morais, acreditar no coletivo, é muito, muito, mas muito, muito, muito, pra mais de 50 mil a longos prazos. E isso vai depender muito da vontade política de transformação. Você dá uma cota pra reparar, mas cria uma infra-estrutura que não precise ser reparada, entendeu? É mais ou menos assim a lógica. Não adianta você fazer um conjunto lá na Suburbana e remover o pessoal do Mandela de Pedra se eles não tiverem renda, porque eles vão vender o apartamento deles pra você, pro Fábio, e vão criar uma favela em outro lugar! Como é que eles vão morar naquilo bonito, tudo encanado, sem dinheiro pra pagar as contas?! E se aquilo é uma possibilidade de renda pra eles viverem mais um tempinho e se manter?! Então tem que... Agora, é diferente do Amorim, né, que é diferente da Vila Turismo que já é uma favela legalizada... Agora, os casos extremos são Samora e Mandela. São conjuntos habitacionais que têm uma infra-estrutura menos boa do que o Amorim e Vila Turismo, né? (*pausa na gravação*) Estava falando do Nelson Mandela e do... é. Que o Nelson Mandela e o Samora têm características diferentes. São conjuntos habitacionais que apresentam infra-estrutura em condições piores do que algumas comunidades como Vila Turismo, Amorim... Varginha hoje. Varginha hoje tem melhor qualidade de vida do que a galera. O Samora foi um processo cruel. Porque o Samora há dois anos atrás, criaram a Embratel, a invasão da Embratel. A invasão da Embratel, o...

TF – ... um pedaço de doação, tem um pedaço de invasão e tem um pedaço que já é doação.

IM – Ah, já tem doação? Nem sei.

TF – já não estavam esquadrihadas, assim....?

IM - Ih, aquilo não é doação não. Aquilo foi organização de (Inaudível) pra construir 36 metros quadrados e só podia morar se tivesse...

TF – Aquilo lá é invasão também?

IM –Tudo...

GG – Tudo ali é invasão.

IM – ...tudo. as casas foram definidas.

GG – (Inaudível) 10% das casas construídas dos terrenos, dos lotes, que tá efetivamente ocupada, o resto tá tudo lá esqueleto.

IM – Não, porque teve uma ordem, Gleide: não podia entrar sem construir de alvenaria.

GG – Mas e os construídos que não estão ocupados?

IM – Porque as pessoas... tem muita gente que não consegue ficar lá porque diz que é alagado, porque diz que tem muito mosquito, porque lá é desova, porque lá é de acerto... porque não tem grana pra terminar a obra e não pode fazer paliativo: botar madeira pra fingir ou botar... improvisar. Não pode. Tem que fazer de alvenaria, é um conjunto, tem que estar tudo bonitinho. Isso foi determinação do tráfico, não foi do Estado. Então tem que obedecer. E lá ninguém pode construir comércio, o comércio tem que ser dele, foi determinação. A padaria... (Inaudível) é, a padaria, material de construção, farmácia, é dele. Isso eu sei de reuniões que a gente faz. Por isso no... no Embratel não tá dando muito certo. Porque as pessoas não têm. Quem vem de Sepetiba, que vendeu a casa, conseguiu começar construir, quem tinha alguma maneira, alguma grana, conseguiu fazer. Mas a maioria não conseguiu concluir. Eu achei interessantíssimo quando começou a história, queria até eu andei filmando pra apresentar pra Prefeitura como é que se organiza. Ali, essa constituição da Embratel, deu uma certa sacaneada no Samora, porque o Samora era o conjunto mais organizado. Porque ele foi pensado pra se formar vilas. E atrás é tudo fechado, então não tem saídas, né? Era fechado, o portão principal...

TF – Fechado como?

IM – É porque era um muro da Embratel... e fundos, é, fundos com a Embratel.

GG – Fundos com o Nelson Mandela.

IM – Então não tinha como. Uma parte que tinha, eles invadiram, né, Nelson Mandela. Tem aquele cordão, aquele anel em volta do... que dá fundo pra o Mandela, que é invasão. Agora, todos...

GG – Mas foi construído no mesmo padrão, com a mesma característica. Só olhando que a gente percebe que é invasão.

IM – É, ele...

GG – Tem o mesmo formato.

IM – Eles acompanharam. Acompanharam o em torno, né, aquele parte que divide, que dá fronteira o Nelson Mandela. E as pessoas que foram pra o Samora tinham uma renda

melhor no Jacaré. Eram pessoas mais organizadas, que brigaram com a galera que estavam removendo e não foram pra casa. Porque as casas do Samora seriam iguais ao do Mandela, né? A população do Jacaré não aceitou, exigiu casa maior com laje... aí eles tiveram que refazer, só que eles botaram as lajes sem coluna, né?

GG – É.

IM – Enganaram todo mundo, botaram laje sem estrutura. Então quem tem que fazer agora tem que rasgar e fazer toda a infra-estrutura que eles não fizeram. O Governo, os representantes do Governo merecem ganhar porrada, sabe? São horríveis!

TF - (Inaudível)

IM - É, aumentar. Então quando, vocês foram lá no Samora, né? (Inaudível) Isso, nós fomos, é. É totalmente diferente (Inaudível) ...Fábio não foi, era a Graziela...

GG – Graziela e Renato

IM - ...era a magrinha, é. É completamente diferente dos outros! E agora eu tô com uma tristeza, eles estão fazendo puxadinhos... o presidente sucumbiu à tentação, tá fazendo uma puxadinha na associação – você já viu, né, acabou a calçada.

GG – É invadiu.

IM - Não tem mais calçada. E o baile *funk* começou a ‘pá, pá!’ bater lá, os moradores foram... E o Samora é o que tem mais aluguel, né? as pessoas moram, tem muito taxista... a elite do tráfico ia pra lá... agora tá indo pra o Green Ville, né? Tem Green Ville também. Que é um grupo só de nordestino, só mora nordestino. E aí eu tô meio preocupada com isso porque a gente tá num processo porque a fase – pelo menos em Geografia a gente fala – que a fase de estagnação quando tem ausência do poder do Estado, de infra-estrutura, é de 10 anos. Aí você começa a criar uma identidade, se organizar, pra começar a buscar a infra-estrutura que em geral se busca em favelas invadidas. No Samora tá tendo o processo inverso: eles preservaram o tempo todo, ficou em destaque, o sonho de consumo de qualquer pessoa era mudar para o Samora, né, para o Mandela II. Hoje não tá, o Samora tá pegando as mesmas características – um pouquinho, ainda não tão estagnado – do Mandela! As calçadas estão sumindo, os esgotos estourados... E se o presidente invadiu a calçada eu também vou invadir, né, por favor, né?! E o tráfico tomou conta: aqueles bailes *funk*, rachaduras na parede, as pessoas não gostaram. Aí eu percebo que o que o Mandela sofreu de perda nos primeiros 10 anos, o Samora tá contrapondo à teoria da... da identidade. Eles... não sei se os moradores perceberam por ter uma renda melhor, que ali perdeu a valorização e estão buscando outros lugares pra morar ou se há uma contradição na teoria de identidade com o território.

GG – É, eu tenho... eu tenho uma leitura de que é essa primeira opção mesmo. As pessoas que têm muitas casas alugadas e que têm uma renda melhor, elas acabam se afastando. Estão tentando vender pra ir embora. Eu falo a partir dessa minha senhoria, eu fui dizer pra

ela que eu estava saindo, ela entendeu que eu estava comprando a casa dela. Ela tá tão ansiosa pra sair dali que ela entendeu que eu iria comprar. A casa que eu estava morando ou a casa ela acabou de construir... e ela tá vendendo tudo pra sair e outras pessoas também estão saindo.

IM – Olha, eu já entendi que eu vou virar latifundiária de favela. Sabe o que eu vou fazer?

TF – Lá no Samora?

GG – Sim, eu estava morando desde fevereiro.

IM – Gleide, a mãe e a irmã. É, ela morava.

TF – Gleide muda tanto...

IM – É, ela muda, fica pra lá e pra cá. Eu estava falando que eu vou fazer o seguinte: eu vou virar imobiliária, eu vou virar agente imobiliária. Eu vou olhar as favelas, as partes das favelas que estão em conflito, que os moradores estão desesperados...

TF - (Inaudível)

IM - ...aí vou comprar essas casas e vou esperar quando chegar na fase boa de... é igual à Bolsa de Valores, quando os preços... posso botar os preços lá em cima, tá tudo calmo, é o melhor lugar do mundo pra morar, eu vendo as casas. Aí quando entrar em fase ruim eu compro por preços lá embaixo, porque fica bem barata, aí quando entrar na calmaria eu vendo de novo. Eu acho que é assim que as pessoas fazem dinheiro porque é exatamente isso que eu vejo.

GG – Você tá me dando uma idéia de entrevistar uma pessoa que faz isso há muito tempo no CHP2, eu não pensei nele. O Robson.

IM – Quem é Robson?

GG – É o rapaz que vive de vender e comprar casa.

IM – O negócio do futebol, o Robson do futebol?

GG – Do CHP2. Eu tenho de achar por onde ele anda.

IM – Eu já observei que isso acontece.

GG – Mas ele vive disso há mais de 20 anos: de vender casas, de alugar casas ou de pelo menos intermediar essa transição.

IM – Mas eu tô falando relacionado com a violência, entendeu? Porque ser agente imobiliário, tudo bem, mas eu quero vender na alta e comprar na baixa.

GG – Vender na alta e comprar na baixa temporada, não é isso?

IM – Isso. Igualzinho eu comprei a minha casa com dólar. Agora... essa parte do... do tráfico dentro de Manguinhos, ela é interessante, ela é densa. E ela tem uns contrapontos com a identidade, né Gleide, que os bandidos de Manguinhos não são moradores, né? Quer dizer, Manguinhos do lado de cá, do lado de lá são moradores. Daniel...

GG - (Inaudível).

IM - ...é. E aí, eu estava querendo... estava querendo ver com você, que a gente podia marcar um dia que não seja... pode ser tarde, pode ser manhã, não sei... – pra mim é melhor à tarde mesmo porque aí a gente vai pra lá primeiro – pra gente conversar mais essa questão do tráfico e você me dizer o que é que você quer saber especificamente, porque senão...

GG – É muito abrangente.

IM - É...(pausa na gravação)

TF – Então Isabel, obrigada pela entrevista e vamos, de repente se a gente precisar de mais alguma coisa a gente te procura. *(interrupção da fita)*

Data: 18/10/2004

Fita 5 - Lado A

TF – Dia 18 de outubro de 2004, caminhada pela favela. Iniciamos na Nelson Mandela, a equipe da História de Manguinhos. Isabel falando. Isabel, conta lá essa história desse pedaço pra gente.

IM – Aqui na Via 1 do conjunto Nelson Mandela, esse lado na beira do rio Jacaré, a prefeitura montou esses quiosques... pro... pra os autônomos, né, que vivem de vender coisas, botava esses quiosques e pagava uma taxa de 200 reais. Na eleição pra... na eleição passada pra presidente, numa briga política a prefeitura veio aqui e passou a draga em todo início de processo de construção daquela metade pra lá. Nessa eleição atual... não sei... talvez porque o presidente esteja trabalhando mais com o partido da prefeitura, as pessoas que têm quiosque começaram a construir de alvenaria, pararam de pagar as taxas... – tá vendo, tudo em mal estado? – pararam de pagar as taxas, começaram a construir de alvenaria e não estão fazendo só como comércio, tá virando residência, garagem. A maioria das pessoas que tinham só os quiosques aqui e moravam lá pra atrás, venderam suas casas e estão fazendo aqui: comércio, moradia e garagem. *(pausa nagração)*

TF – Consuelo, fala aí a história dessa rua. Que rua é essa aqui, gente?

CG – Essa rua aqui é a Rua Dois... essa aqui, essa rua que nós estamos aqui. aqui é Rua Dois e...

TF - (Inaudível)

CG - É, Rua Dois, essa aqui. Essa é a Quadra Dois e de moradores originais dessa rua, são poucos, assim, a maioria das casas foram compradas por pessoas que vinham de outros estados, a maioria, nordestino mesmo, mas tem muito mineiro aqui também nessa rua. E é assim: eles compram uma casa e multiplicam essa casa. Existem casas ali em cima que elas têm uns três, quatro quartos e são quartos pra alugar. São casas bem pequenas, são quartinhos mesmo, bem pequenos. As casas, elas têm esse tamanho, então eles chegam pra frente, tem esse espaço na frente pra construir, ainda tem... pode fazer uns três andares em cima. As pessoas fazem três andares mais laje e dividem por dentro, a iluminação é horrível... Vamos dar uma passada ali.

RG - Vocês estão filmando isso? *(falam ao mesmo tempo) (pausa na gravação)*

GG - Agora vamos... vamos passar...

RG – Só um instantinho então. Pára aí.

TF – Que rua é essa?

CG – O governo deu pra gente a casa com um espaçozinho e colocou nesse espaço grandão que ele fez nesse cinturão aqui, ele colocou uma arvorezinha. Passou, passou por cima da árvore e fez essa casa...

RG – E ocupou, né?...

CG – Ocupou.

RG – O que era pra ser praça virou uma...

CG – É, era pra ser praça. Cada fim de quadra era pra ter uma praça, mas com inocência, né? Aí essas casas de esquina são as maiores que tem, né?

MS - (Inaudível)

CG - Dá pra fazer, dá pra fazer uma casa enorme dessa daí. Aí se você comparar com a outra casa aí do lado, só tem um puxadinho na frente, um puxadinho... (Inaudível) *(pausa na gravação)*

TF – É junto menino! (Inaudível) Diga, Isabel.

IM – Essa ponte foi feita na urbanização da Varginha. Antigamente era uma madeira que ficava quase dentro do rio, quando chovia a gente não podia atravessar. Aí com a urbanização da Varginha, que removeram o pessoal lá pra Vila do Pinheiro, tiraram as casas, as casas vinham até ali. Eram palafitas, tinha um chiqueirão ali, eram palafitas... – Lembra Consu? – É. Aí fizeram essa passarela, fizeram essa rua aí que depois a gente... a gente descobriu que a... – Como é que é o nome dessa rua mesmo, que eu esqueci?! – nós descobrimos o campo.

CG? – Essa é a Carlos Chagas?

IM – É, a Carlos Chagas e a outra é a Oswaldo Cruz.

TF – A de lá do outro lado do rio?

IM – Do outro lado do rio é a Oswaldo Cruz.

TF – ‘vamo’ embora. *(pausa na gravação)*

TF - Como é que deram um prazo pra fazer?! Eu não entendi isso. Se deram um prazo não é invasão!

MS – Também não entendo! Não...

TF – Não? Como não entende a frase é sua.

MS – Não...

TF – Deram um prazo pra fazer.

IM – Não aqui não.

MS – Tinha um prazo pra fazer. Quem tinha construída...

IM – Não, aqui não, aqui quem deu o prazo pra fazer foi o (Inaudível). Aqui a prefeitura não autorizou a fazer. Aí agora o pessoal comprou da Associação de Moradores, pagou uma taxa pra ter direito a fazer. Aqui seria a continuidade dos quiosques. Aí as pessoas fizeram de alvenaria. A prefeitura veio, mandou a draga passar. Aí o pessoal o que fez, foi falou pra prefeitura que tinha pago uma taxa na Associação. Foi aí que veio a intimação pra Associação de Moradores, quem era a Associação pra autorizar a construir e cobrar a taxa se não tinha a autorização da administração, da prefeitura?! (*pausa nagravação*)

RG – Qual o seu nome?

C – Celeste.

RG – A senhora disse que está aqui desde o início, como é que foi?

C – Desde que começou o projeto das casa'. Nós fomos os primeiros a 'vim', essa carreira aqui, ó!

RG – Em que ano foi isso, a senhora lembra?

C – Ah, já tem muitos anos! Já tem... eu já vim pra cá minha filha 'tava com um ano, ela tá com dezesseis anos. Tem esse período. Ela veio pra cá tinha feito um ano, já tá com dezesseis. 'Tamos esses anos todos aqui.

RG – E a senhora nunca quis fazer reforma na sua casa ou nunca teve...

C – Querer a gente até quer, mas não tem condição.

RG – Condição mesmo...

C – ...arrumar dinheiro pra isso.

RG – É, tá certo.

C – Não tem.

RG – Mas tá pintadinha, tá bem...

C – É, só passei um cal, que é uma coisa barata... Agora, obra mesmo, a gente querer até quer, mas não dá. Não tem condição.

RG – Tá certo. Mas é bom morar aqui? Como é que a senhora vê isso?

C – Eu gosto daqui.

RG – É tranqüilo.

C – É tranqüilo, eu gosto. Graças a Deus nada me incomoda aqui não. Graças a Deus. Quem faz o lugar é a pessoa, né?

RG – Isso.

C – A gente é que tem que saber viver.

RG – Tá ótimo.

C – Me trato lá na Fiocruz. Diabetes. Faço tratamento lá, pego remédio lá.

RG – Tá ótimo. Obrigado, dona Celeste.

C – De nada. *(pausa na gravação)*

IM – Essa área aqui é toda de invasão, é a Quadra 29. o conjunto tem, o Conjunto Nelson Mandela termina à esquerda. Toda à direita a gente chama de “Quadra 29” que identifica que é área de invasão. Essa invasão da Quadra 29 é porque é no Nelson Mandela, porque na verdade ela vai e continua pelo Mandela de Pedra todo. Até lá na Leopoldo Bulhões.

RG – Mas era uma área próxima ao rio, é isso? Por isso que foi feito.

IM – É a beira do rio, é o costão do rio! É todo o costão do canal do Cunha. Todo o costão. A gente vai ver lá na ponta, lá na beirada. A gente vai ver isso. *(pausa na gravação)*

RG – Essa rua...?

IM – Essa rua aqui, a Quadra 29, é reduto nordestino. Que o povo que mora aqui na quadra 29 é todo o pessoal que chegou do Ceará, Paraíba, Campina Grande... de 96 pra cá. Agora, de 2002 pra cá, foi a chegada aqui total. Essa parte dali pra cá, toda foi ocupação foi de 98 pra cá. Dali pra lá não, foi ocupação de 96.

RG – Tá, mais antiga.

IM – É. *(pausa na gravação)*. Você entra num portão, tem mais outra porta, outra porta, outra porta... era a dona Rosa que morava ali. Ela vendeu pra um grupo de 7 famílias nordestinas, pra você ter uma idéia.

RG – Caramba! Sublocou.

IM – É. Ela vendeu pra eles, eles fizeram vários pedaços e todos moram ali. Depois o outro já fez mais um andar, comprou do lado, já tem mais um aluguel... toda semana chega alguém.

RG – Agenciamento.

IM – É. *(pausa na gravação)* Tinha de fazer renda. As casas são de 24m², aí o pessoal vende a parte da frente que são 4m² e fica só com a parte dos fundos, morando em 18m. Tem famílias de até 6, 8 pessoas que moram.

RG – Na parte dos fundos.

IM – É, no quintal.

RG – Ah, por isso que o quintal subiu. Por isso que as construções da frente estão com 3 pavimentos.

IM – É.

RG – Porque são estreitinhos. *(Inaudível)*

IM – É. Ali tem quintal, dá pra você ver. Aquelas fotos... *(pausa na gravação)* Eu tive que refazer todo o esgoto. Tá vendo aquele caminho ali? *(Inaudível)* Eu tive que cavar tudo. Não... é, eu tive que cavar isso tudo aqui... foi. E mesmo assim eu falei com eles que ia saturar em outros pontos. Aí saturou. Essa rua aqui há um mês atrás estava que era água podre pura. O pessoal aqui vive muito de sucata.

RG – Nossa!

TF – Ali em cima também é teu.

IM – É, ali é. Dali dá pra ver a refinaria. Você quer ver?

TF – Vamos. Você fez direita ou...? *(pausa na gravação)*

IM – Aqui onde vocês estão, vocês estão na Avenida Atlântica. *(risos)* E aqui é a Avenida Beira Mar, ali atrás. Onde está esse casal... Beira Mar é porque é beirando o Canal do Cunha. Então no Conjunto Mandela de Pedra *(Inaudível)* a invasão foi muito dura, tinha muita fossa, né, e o Jorge Garcia que foi um dos organizadores da invasão aqui, ele era um ser muito político. E aí ele botou o nome de Conjunto Mandela de Pedra porque era muito duro, tinha que ter muita coragem pra morar aqui. O nome de Avenida Atlântica e Beira Mar é um deboche, uma ironia, porque eles apanhavam muito da polícia por invadir isso

aqui que vocês estão vendo, entendeu? Era muito duro, eu cheguei a pegar. Era muita fossa aberta, a merda fervilhava.

RG – Nossa!

IM – Eu tenho uma foto (Inaudível). O Jorge Garcia, infelizmente, ele morreu de Aids, ele morreu. Quer ir pra praça, pra o Samora por aqui? (*pausa na gravação*) Essa área aqui... o terreno da Embratel, que ainda não tem o nome fixo, é a área em que a Embratel doou pra construção da remoção do Mandela de Pedra. Então é... esse pedaço aqui fica entre o Mandela de Pedra, que é o Mandela 3 e o Samora Machel que é o Mandela 2. Pra valorizar eles preferem estar relacionados ao Samora Machel que é a área mais nobre. Entre as três comunidades, não é isso? o nome da vila é Vila Bitar.

RG – Bitar?

IM – Bitar. ...Vila Bitar. A Vila... (Inaudível) tinha uma placa ali. Não sei se tiraram. (Inaudível) Esse aqui é o muro da Embratel.

GG – (Inaudível).

IM – Aqui não, aqui não, lá no Samora. (Inaudível) Tá, desculpa. (*pausa na gravação*) O pessoal que...

TF – Não, não tá...

RG – Não, sim, tá...

TF – Sim, lindo...

RG – Ué, ‘cabô?

TF – Desculpa, desculpa...

IM - O pessoal que ganhou terreno aqui, que veio pra organização de moradia, só podia construir de alvenaria e só pode morar quando estiver tudo construído, tudo com esgoto, tudo direitinho. Por isso você tá vendo essas casas assim, pela metade. Isso é o pessoal que não teve grana pra continuar construindo e aqui tem um problema muito sério, quando chove, enche, inunda, porque o esgoto não tá pronto. Aí quem não tem condições de estar fazendo isso não fica aqui.

TF – E quem é que coordena, que toma conta (Inaudível)...?

IM – Ah, aqui tem um...

TF – O que é que é isso, associação?

IM – ...responsável...

TF – Não, mas é Associação de Moradores.

IM – É, aqui tá tendo uma associação de moradores. É que tem um responsável.

TF – É ela que diz que pode, que não pode.

IM - É, as pessoas dão 15 reais por mês pra estar organizando a questão de luz, esgoto, né? O pessoal do Samora, o presidente do Samora tá ajudando a organizar aqui, mas tem uma regra, né, pra ocupar aqui. Todo mundo sabe. *(pausa na gravação)* Se você não terminar de construir tem que passar pra outro. Não pode demorar a terminar de construir.

RG – Qual é o prazo geralmente?

IM – Inicialmente era de 90 dias ... (Inaudível)

TF – A área é essa.

FS – Esses quatro pedacinhos.

IM – Isso aqui é uma casa.

FS – Uma casa.

IM – É. É a fundação de uma casa. É alguém que começou a construir e não terminou.

RG – Quatro cômodos.

IM – É quarto, sala, cozinha e banheiro. (Inaudível).

TF – Vila Bitar é aonde? Na, lá embaixo.

IM – Vila Bitar é a entrada ali.

FS – É essa... essa parte (Inaudível)...

IM – Tava escrito, tinha uma placa.

TF – Isso aqui é Embratel.

IM – Aqui é o terreno da Embratel. (Inaudível)

FS – Não tem ainda.

IM – Não criou identidade ainda. *(pausa na gravação)* Eu tô falando: isso é problema do estado, nós doamos o terreno. Aí a Márcia Garrido disse: “A prefeitura não trabalha com área invadida”. Aquela casa como ficou bonitinha. Quem invadiu não é mais problema da prefeitura é problema da comunidade. *(Inaudível)* Cada um lavou as suas mãos, aí queriam que eu e Leonídeo negociássemos com o rapaz que organizou a invasão. Aí eu falei: “Peraí, vamos inverter o papel. Nós não somos porta-voz do Estado, nós somos porta-voz da comunidade! Vocês fazem um documento dizendo das decisões que vocês estão tomando e a gente leva o projeto pra eles, negocia com eles o que é melhor pra nós. Agora, determinações do Estado e da Prefeitura quem fala são vocês, não nós!” Aí nós lavamos as mãos e invadiram. É, porque o cara que estava invadindo queria que a gente garantisse que a Prefeitura e o estado iria construir. Aí a... cada uma disse que não podia porque era fundo-perdido, que a Caixa Econômica não trabalhava com fundo-perdido.

TF – Então a invasão..., mas tem uma associação que organiza o loteamento, é isso? *(Inaudível)*.

IM – Uma Associação?

TF - É, terreno que a Embratel doou...

IM – A Embratel doou o terreno pra construção da remoção do Mandela de Pedra. E aí a Prefeitura, o estado, teriam que... Aqui começa o Samora... a fronteira.

Morador da comunidade – Teve um turista gringo, sabe o que ele falou, um turista gringo? Que aqui é lugar de... de... – Tá gravando, é? *(risos)* *(Inaudível)* aqui é pra Fundação Oswaldo Cruz, não tem problema. – Então que o Brasil é lugar da droga, lugar de chiqueiro...

IM – Cocaína e carnificina. *(Inaudível)* Não, chiqueiro é mais simples. *(risos)*

Morador da comunidade – Mas o povo gosta da humilhação! Vocês votaram em quem?

IM – Mas não tem nada a ver com voto...

Morador da comunidade - Mas ninguém vai votar, que eu não votei. Eu vou pagar multa, mas não vou votar.

IM – Ah, não, não vou dar dinheiro pra o estado *(Inaudível)*...!

Morador da comunidade – Ninguém... então você passa quatro anos se aborrecendo.

IM – Ah, mas eu ainda ‘tô muito nova, tem que fazer muito concurso público... *(pausa na gravação)*

TF – O Samora...

IM – O Samora, eles fizeram uma rua principal com várias entradas à direita e à esquerda com a percepção de vila, que é diferente do Mandela. Lá tem ruas, aqui tem quadras. De Quadra 1 até Quadra 37, 39, uma coisa assim, né...

TF – Mas as quadras são divididas em ruas?

IM – Não, as quadras, a idéia de quadras, são as vilas. Tá vendo aqui, onde você entrou aqui?

TF – Sim, sim.

IM – É uma vila, que é uma quadra. A idéia que eles tiveram foi que nessas vilas...

TF – “Eles” a prefeitura.

IM – A prefeitura, o engenheiro, o arquiteto, o (Inaudível). Ele, pelo menos ele falou que a idéia era que as pessoas fizessem o portão, que se organizassem em vilas e que essas vilas tivessem uma integração mais coletiva, que é diferente do Nelson Mandela. Porque as pessoas que moram aqui vieram do Jacaré. E no Jacaré elas tinham uma organização, uma identidade, que é diferente do Nelson Mandela. foram pessoas removidas de vários pontos de focos de pobreza. Aqui não, aqui é da enchente. Aqui é o pessoal que quando foi fazer aquela obra da enchente do rio Jacaré lá no Campo do Abóbora, naquele pedaço lá do rio Jacaré, vieram todas pra cá. Aqui a comunidade foi mais exigente, as casas são todas com lajes, são com mais cômodos... Você pode reparar que as obras aqui, as estruturas das casas são outras. As mais ruins ainda são ótimas em relação ao Nelson Mandela e ao Mandela de Pedra, é claro. Agora, mais em relação ao Nelson Mandela porque são obras do governo, né, são conjuntos habitacionais, não são invasões. *(pausa na gravação)* (Inaudível) Essa percepção de que você vai entrando e que a pobreza vai ficando mais aparente é (Inaudível), você pode reparar: tanto aqui como lá no outro, daqui pra trás tem casas originais, eles demoram mais a fazer a obra... tem mais desorganização, tem mais bagunça... como... como o povo fala “mais bailes”... o comércio que invade a calçada... O povo da frente não permite porque tem uma relação mais econômica, né, imobiliária, aí não permite. As casas melhores realmente vão por aqui. É difícil você encontrar uma casa original dali pra lá. É do meio pra lá, né, a entrada.

TF – Então nós estamos...

IM – Nós estamos aqui no Conjunto Samora Machel, que é popularmente o Mandela 2, que é o lugar onde recebeu as pessoas removidas do Jacaré, da beira do rio Jacaré.

TF – E por que é que chama “Mandela 2”...?

IM – Porque na verdade quando deram nome aos conjuntos não perguntaram à comunidade! E aí a comunidade constrói seus nomes: Mandela 1, Mandela 2, Mandela 3 e, possivelmente o Embratel: Mandela 4. E já se diz também que a Vila Vitória vai se chamar “Mandela 5”. É, são as suas identidades naturais, né?! *(pausa na gravação)*

TF – As árvores, que eu ‘tô vendo aqui, desculpa...

IM – Ah, essas árvores foram mudinhas que foram distribuídas pra as pessoas plantarem, construírem um aspecto mais... arborizado, urbanístico... na proposta original dos conjuntos. Aqui ainda ficaram algumas, lá no Mandela onde tinha uma árvore ‘neguinho’ arrancou e construiu casa. Aqui ainda tem calçada, por isso ainda tem árvore. Ó, aquela árvore lá já tá grande, essa aqui.... É o pessoal que é mais antigo que cuida, né?

CG – É porque as casas do Mandela, elas foram mal planejadas, foram mal divididas... Aqui eles interferiram na construção, aí não tem a necessidade de expandir, né, não tem aquela urgência em expandir, em remodelar a casa. Lá no Mandela tinha essa necessidade, essa urgência. Aí era loucura manter arvorezinha lá no quintalzinho porque a casa era um ovo. Aqui não porque o terreno era maior, tem quarto... já vem com divisão de quarto, sala...

IM – A largura da calçada daqui é a largura da calçada do Mandela. A calçada do Mandela é de...

RG – Não, a própria via é mais larga.

IM – ...é de 90cm de largura. A daqui, eu acho que tem 2m e meio, 2m.

CG – A do Mandela era só aquela partezinha dali, ó. É só aquilo ali.

IM – Agora aqui também tá perdendo a identidade. Você já nota uma desorganização crescente aqui. Aqui, de tre... de dois anos pra cá, com a invasão do... na verdade com a invasão do Conjunto da... do... do terreno da Embratel, teve uma certa influência negativa dentro do Samora. (Inaudível) Se você notar isso, essas obras na calçada que você tá vendo aqui, essas invasões na calçada, isso é uma coisa recente. A própria Associação descambou, vocês vão passar lá e vão ver. A Associação também invadiu a calçada. Isso quer dizer... à medida que vai aumentando a sua necessidade de espaço, vai edificando, né, as famílias vão crescendo, a calçada já não tem mais serventia. No Mandela a Consu tem razão, eram 24m², aqui é maior. Só que a necessidade de fazer mais um pedacinho pra ganhar uma grana, alugar uma casa, vai fazendo com que a calçada vire um habitat individual e não coletivo. (*pausa na gravação*) Aqui no Samora tem muito aluguel. Aqui é um foco de taxista. Autônomos...

TF – Qual é a média de um aluguel aqui...?

IM – Aluguel aqui é 250 reais. É a média de aluguel. (Inaudível) É.

TF – Quantos cômodos?

IM – Geralmente são: dois quartos, sala, cozinha, banheiro e terraço. 250. Agora perdeu um pouco o valor por causa dos bailes *funk*, da violência aqui. Mas aqui era muito procurado,

era a maior disputa por aluguel. Porque aqui é a associação de moradores mais organizada, é a área nobre, né?!

TF – Você falou que era a área de taxistas.

IM – É, taxista. Ó, lá! Tá vendo, assim? Aqui mora muito taxista.

TF – Mas por que isso?

IM – Porque é perto do centro, né, é uma área boa e...

TF – Mas tem uma companhia, alguma coisa assim, que gera...?

IM – Uma cooperativa de táxi?

TF – ...cooperativa?

IM – Tem, tem. Aqui em Benfica tem uma cooperativa de táxi, que é próxima.

TF – Aqui não tem uma cooperativa.

IM – Não, aqui não. Aqui não tem cooperativa. Aqui é próximo à cooperativa. E como tem muito aluguel, acho que um vai falando pra o outro, também são nordestinos em geral, né? Um reduto... (*pausa na gravação*)

*Essa fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 20 minutos do Lado A)